

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**GILVANI MAZZUCCO JUNG**

**É UMA PRISÃO: A EXPERIÊNCIA DA INTEGRAÇÃO AVÍCOLA EM  
NOVA VENEZA, SANTA CATARINA**

**CRICIÚMA**

**2014**

**GILVANI MAZZUCCO JUNG**

**É UMA PRISÃO: A EXPERIÊNCIA DA INTEGRAÇÃO AVÍCOLA EM  
NOVA VENEZA, SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado e Bacharel no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Dr. João Henrique Zanelatto

**CRICIÚMA**

**2014**

**GILVANI MAZZUCCO JUNG**

**É UMA PRISÃO: A EXPERIÊNCIA DA INTEGRAÇÃO EM NOVA VENEZA, SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado e Bacharel, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em História Local e Regional.

Criciúma, 02 de dezembro de 2014.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. João Henrique Zanelatto - (UNESC) - Orientador

Prof. Dimas de Oliveira Estevam - (UNESC)

Prof. Dr. Carlos Renato Carola - (UNESC)

**Para Juceli, Fátima e Gian, por apoiarem minhas escolhas.**

## **AGRADECIMENTOS**

Se o ser é social, e o conhecimento uma relação. O presente trabalho não seria possível de ser construído sem diálogo. Agradeço a todas as pessoas "justas" que encontrei(o) no dia-a-dia. Pela atenção, carinho e auxílio na superação de uma determinação. Afinal, não estamos sozinhos no mundo.

Aos amigos e em especial a Ingrid, Rafael, Richard, Josiel, Eric, João e Vanderson.

Aos colegas do curso de História.

Para Ismael, meu amigo. Por ser pontual.

Aos amigos do trabalho e para meus "chefes", por permitirem as "escapadas", durante atividades do curso.

Para Elzio pela revisão do texto.

Aos professores do curso de História: Paulo, Thiago, Michele, Marli, Lucy, Juliano, Carlos.

Ao professor Carola, pela leitura inicial do texto e considerações.

A meu orientador Zanelatto, por acreditar em min.

Para os avicultores, pelo auxílio e acolhimento.



**“Foi-lhes dito que não tinham direitos, mas sabiam que nasceram livres.”**

**E. P. Thompson**

## RESUMO

O trabalho tem por objetivo discutir relações sociais de trabalho estabelecidas entre agricultores e agroindústria, em Nova Veneza. Percebe-se na atividade industrial praticada dentro de pequenas propriedades a assimetria da relação que na literatura recebe o nome de integração vertical. As exigências e constantes modificações do setor, atenuam o grau de relação e a forma do trabalho, mas da mesma forma a dinâmica e o cotidiano das famílias envolvidas. O trabalho não se torna mais fácil por conta da tecnologia usada, ao contrário, é o ponto crítico que expõe a parte tênue da relação e o largo poder da indústria sobre o integrado.

**Palavras-chave: Agroindústria, integração, experiência, cultura, classe.**



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ACARESC** - Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina

**CIDASC** - Companhia Integradora de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina

**EPAGRI** - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina

**IBGE** - Instituto brasileiro de Geografia e Estatística

**MST** - Movimento dos trabalhadores Sem Terra

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 A EXPANSÃO DA AGROINDÚSTRIA DA ALIMENTAÇÃO EM SANTA CATARINA: DA AGRICULTURA PLURAL PARA A PRÁTICA DO SISTEMA INTERGADO EM NOVA VENEZA.....</b>	<b>13</b>
2.1 O INTEGRADO .....	13
2.2 NOVA VENEZA E SUAS ATIVIDADES ECONÔMICAS .....	15
2.3 FORMAÇÃO DA AGROINDÚSTRIA, DIVERSIFICAÇÃO “INDUSTRIAL” E O TRABALHO INTEGRADO EM SANTA CATARINA .....	17
2.4 A INTEGRAÇÃO VERTICAL COMO UMA RELAÇÃO DE PRODUÇÃO E UMA RELAÇÃO DE PODER .....	25
2.5 O PESO DA ATIVIDADE NA ECONOMIA DA CIDADE.....	29
<b>3 DAS EXPERIÊNCIAS DOS PRODUTORES NO SISTEMA INTEGRADO.....</b>	<b>32</b>
3.1 REFLETINDO OS CONCEITOS PARA COMPREENSÃO DO SISTEMA INTEGRADO .....	33
3.2 SEIS LOTES POR ANO. DO TRABALHO À INSTABILIDADE DO SETOR. DA CONTINUIDADE DO CONFLITO ÀS FORMAS RESISTÊNCIAS. ....	43
<b>7 CONCLUSÃO .....</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>68</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A questão principal que busca-se responder, parcialmente ou de maneira provisória, é como a integração é experimentada no sul do Estado de Santa Catarina entre "agricultores" integrados. Contudo, compondo o sentido de experiência, a questão principal seria: qual a forma assume a relação social e dessa para o trabalho entre indústria integradora e avicultores na região. A integração como uma forma de relacionamento entre duas esferas, é entendida a partir de uma lógica, que não cabe aqui pensar separadamente dos vários elementos que compõem a dinâmica da vida social, dentro do sistema econômico capitalista. No Brasil, isso significa ponderar sobre a modernização da agricultura em paralelo ao processo de industrialização e a formação dos complexos agroindustriais. Sobre experiências, todo mundo tem uma noção mais ou menos adequada, experimentar no sentido restrito. Entretanto, não somente a experiência deve ser reduzida a um espaço, porque refere-se ao espaço sociocultural e sociopolítico, na condição concreta de existência dos homens.

Fazendo um adendo, a contrapelo do processo histórico, busca-se analisar como a integração é realmente "sentida" entre os "agricultores", na relação dialética com as tradições, móveis e transitórias, cristalizadas ou não, parte do processo histórico. Contudo, a partir de E. P. Thompson, busca-se a análise do conceito concreto de experiência não apenas cultural, mas político e coletivo. Para o autor, as experiências herdadas ou transmitidas são determinada pelas relações sociais de produção, antagônicas e conflitantes entre si. Se as experiências ou subjetividade são determinadas, a "consciência de classe" não, essa não tem uma forma definida e surge pelo tratamento específico de experiências em termos culturais, em um dado momento. Por esse motivo, volta-se na relação estrita com a empresa, no dia-a-dia de trabalho na mobilização entre os avicultores.

A pedra é maior do que parece, pois afinal chega-se à definição econômica. Na mesma linha, seria impossível separar a face política do processo. Nisto, primeiramente uma definição de "capitalismo". Resumindo a grosso modo, é segundo E. K. Hunt<sup>1</sup>, um sistema econômico centrado no "modo de produção", definido pelas "forças produtivas" e "relações sociais de produção". Em síntese,

---

<sup>1</sup> HUNT, E. K. **História do pensamento econômico**: uma perspectiva crítica. 7.ed Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1989.

pode-se definir daí os nexos institucionais e comportamentais que compõem o modo de produção dentro de um conjunto de esquemas particulares. Por esse motivo, o capitalismo é diferente de formas não capitalistas. São quatro as características "[...] produção de mercadorias, orientada pelo mercado; propriedade privada dos meios de produção; um grande segmento da população que não pode existir, a não ser que venda sua força de trabalho no mercado"<sup>2</sup>. O quarto elemento refere-se a um comportamento intrínseco a um sistema econômico que preza pela aquisição, individualidade, competição, etc.

A "matéria-prima" ou a natureza física é transformada em produto, é resultado das tecnologias empregadas por esquemas sociais definidos. Entretanto, no capitalismo, existe um hiato entre quem produz e quem se apropria do excedente. A lógica da reprodução do capital pauta-se nessa lacuna porque a produção social é direcionada para a acumulação do capital e não para o "uso". O relacionamento entre o proprietário dos meios de produção entre si é diferente daqueles que detêm apenas sua força de trabalho. O relacionamento neste campo é mantido pelo "mercado" que, dentro da sociedade capitalista, regula as relações entre trabalhadores, que dispõem de sua força de trabalho e o capital. Mas, não somente isso, a interrelação de pessoas é regulada por uma situação que é de mercadoria. Ou seja, "[...] um conjunto de complexas relações econômicas e sociais entre pessoas, é, para cada indivíduo, apenas uma série de relações impessoais entre coisas"<sup>3</sup>. Para o trabalhador, com a venda do trabalho obtém-se uma pequena parte do valor total do produto que se produz socialmente, esse deve garantir a existência básica que é regulada sobre características de mercado.

No capitalismo, as relações sociais de trabalho são relações de classe e desta inseparável da subjetividade "alienada" dos trabalhadores. No início da integração, nos anos 80, temos "agricultores" integrados vendendo sua força de trabalho para frigoríficos, que daí obtém mais valia. Na percepção da realidade, embora possa parecer que se é proprietário, tem-se uma relação de "assalariamento" disfarçada. O proprietário é dono unicamente do seu trabalho, embora tenha em mãos elementos da produção e a própria propriedade é sua, afinal não detém o controle sobre ambos. Sentir-se livre é um nexos produzido pela

---

<sup>2</sup> Ibidem, p.26.

<sup>3</sup> Ibidem, p.27.

condição criada na integração, constitui-se na reprodução do capital negando o caráter de proprietário.

O paradoxo é um pouco mais complexo quando se analisa a integração a partir do sujeito, o "produtor integrado". Primeiramente, tem-se agricultores praticando atividades plurais aonde a integração é um dos elementos. Em segundo lugar, trajetórias particulares de contato com a atividade por pessoas que não são agricultores. Essas diferentes experiência de trabalho convivem somando-se à especialização do trabalho, ou seja, o caráter progressivo do desenvolvimento da avicultura e, em paralelo, a diminuição ou a não existência da prática de outras atividade dentro da propriedade familiar. Nisso existem rupturas, continuidade e, principalmente reordenamento sob uma realidade concreta. Contudo, a integração é aqui entendida pelo caráter econômico de modificar diretamente o acesso dos integrados ao mercado.

Sobre a integração, o trabalho de Maria Ignez Paulilo foi a base fundamental para construção da pesquisa. Busca-se conciliar dentro de nossa pesquisa conceitos como "Escolha racional", "dominação tradicional", "campo de forças" e indivíduo como portador de "valores" para a compreensão da noção de "consenso" e sua oposição, o conflito como permanência. Em suma, a ação ou integrar-se, é parte da escolha de valores e, por esse motivo, não é fixada unicamente a ordem econômica, mas desta se alimenta. O importante de ser mencionado é que, Maria Ignez Paulilo esteve na região durante a década de 80, no momento que a integração estava sendo experimentada dentro de um contexto específico. Procura-se demonstrar algumas de suas conclusões para dar suporte às impressões que obtivemos no contato com os avicultores.

Como fonte para compor o quadro teórico bibliográfico, utilizamos estudos sobre a temática dentro de Santa Catarina, privilegiado as dissertações e teses que têm um período mais próximo a nosso tempo. A escolha é simples de ser explicada, por conta do acesso fácil via internet. Entretanto, não obteve-se um estudo denso e recente sobre a temática na região do Sul do Estado.

Fontes mais nossas são as entrevistas, a partir da perspectiva da história oral. Conversamos com produtores, procurando escutar a sua versão dos fatos. No mesmo sentido, reiteramos as reivindicações da associação dos avicultores do extremo sul catarinense sobre pontos críticos e demais atenuantes enfrentados pelos avicultores.

Para compor os dados concretos, além das dissertações e teses, utilizamos o censo agropecuário municipal formulado pelo IBGE e informações consultadas junto à CIDASC do município.

A problemática foi organizada em torno de dois capítulos. Primeiramente, define-se quem é o integrado, inserindo o sujeito dentro da história, ou seja, ativo no processo histórico. No segundo item, são identificados o recorte espacial e histórico. A partir daí, pauta-se a análise sobre as transformações econômicas a nível local e regional, direcionando os olhares para a diversificação da base econômica catarinense, na transição e expansão das indústrias de carnes em Santa Catarina. Na terceira parte, volta-se para a relação da integração, problematizando a relação de poder estabelecida a partir do contrato e a maneira como essa relação é entendida pelos agricultores. Por último, volta-se ao quadro da avicultura praticada no município e sua relação com as demais atividades agropecuárias.

No segundo capítulo, busca-se perceber o movimento de classe, a partir dos estudos de E. P. Thompson, mais precisamente, a inversão dos conceitos clássicos marxistas: luta, classe e consciência. Sobretudo, para dar conta da consciência coletiva que se experimenta na "luta". Nesta parte, reflete-se sobre a história do tempo presente como ferramenta analítica e uma breve discussão sobre a construção da memória social. Na segunda parte, busca-se analisar diretamente o trabalho e o cotidiano das famílias na criação de aves, procurando demonstrar as transformações, não na tecnologia, mas na forma do trabalho e como no setor as "exigências" constantes são o ponto atenuante da relação, a "integração vertical".

Afinal, experimenta-se discutir a integração sob um arcabouço teórico, bibliográfico e documental, somando-se nossa trajetória particular, filho de ex-agricultor integrado. O objetivo é demonstrar uma parte da realidade, através da verossimilidade, em certo sentido fragmentada, mas como experiência concreta "moral". Embora existam visões e perspectivas aos montes, o que importa é o método e não a linguagem. Define-se o método a partir da demanda social e não ao contrário.

## 2 A EXPANSÃO DA AGROINDÚSTRIA DA ALIMENTAÇÃO EM SANTA CATARINA: DA AGRICULTURA PLURAL PARA A PRÁTICA DO SISTEMA INTERGADO EM NOVA VENEZA.

### 2.1 O INTEGRADO

Tem-se por objeto o espaço rural, a relação deste com a economia capitalista. Considera-se o agricultor proprietário ou não, participante de relações de trabalho dentro uma forma específica de criação de animais, a avicultura de corte, voltada para o mercado de carnes. A atividade de característica industrial é praticada dentro de uma propriedade rural e estruturada sobre a modalidade de trabalho familiar. O agricultor é um integrado, como existe integrado que não é agricultor.

Não há intermediação entre o produtor e agroindústria. Por esse motivo, na literatura, essa relação recebe a designação de integração vertical. O produtor não detém em suas mãos o controle da produção e não é dono de todos os meios necessários para a produção, ou para a engorda das aves. Faz-se necessário a introdução do "contrato" que define e estabelece pontos de interação, a função do produtor é a responsabilidade da empresa<sup>4</sup>.

Por conta e pouca mão de obra, a atividade pode ser levada adiante no meio de uma pluricultura. No entanto, a prática de manter outras culturas como uma segunda renda vem diminuindo nas últimas décadas. Não por efeito, conclue-se que ocorrem transformações nas relações de trabalho quando da introdução de uma atividade de cunho industrial. Considera-se que a propriedade rural, em sua totalidade, é gerida por um grupo familiar variável, segundo sua capacidade produtiva, constituindo-se por seu patrimônio material e sócio cultural<sup>5</sup>.

O termo integrado não diz respeito a um tipo de trabalhador, mas uma relação de trabalho estabelecida - agroindústria e produtor. O produtor integrado não é aquilo que representaria para o capital, uma ferramenta, ou um tipo de trabalhador, construído pela presença da indústria. Mas, acima de tudo "sujeito", que identifica as relações de trabalho da qual faz parte, a partir de suas experiências e valores,

---

<sup>4</sup> DALLA COSTA, Armando João. **O grupo Sadia e a produção integrada**. O lugar do agricultor no complexo agroindustrial. 1993. Dissertação (História do Brasil), UFPR, Curitiba, 1993.

<sup>5</sup> WELCH, Clifford Andrew; MALAGODI, EDGAR; CAVALCATI, Maria de Nazareth; WANDERLEY, Maria de Nazareth B. (Orgs.). **Camponeses brasileiros**. Leituras e interpretações clássicas. São Paulo: UNESP. v. 1, 2009, p.9.

socialmente aceitos. Direccionamos nossos olhares sobre essas tradições, normas e conduta e, a partir desta sobre a cultura, como um elemento vivo na ação humana, em resignificação e recriação intrínseca do processo histórico. Pois, afinal argumenta Thompson:

Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro luddita, o tecelão do "obsoleto" tear manual, o artesão "utópico" e mesmo o iludido seguidor de Joana Southcott, dos imensos ares superiores de condescendência da posteridade<sup>6</sup>.

Embora o tom seja satírico, estamos trabalhando com experiências políticas, reais e válidas, possibilidades de transformação do real. Termos como "obsoleto" e "utópico" foi empregado para designar e descaracterizar toda uma tradição, presente como forma de resistência no momento histórico da ascensão de um novo sistema econômico, o capitalismo<sup>7</sup>: "economia moral" da "economia de mercado". Conclui-se daí que, inserindo o sujeito na possibilidade de transformar sua realidade, procura-se dar voz às pessoas "comuns" em lutas diárias, no confronto com a agroindústria, embora individuais, atomizadas, podem ganhar um corpo coletivo através da organização de mobilização em tempos aonde a presença na atividade torna-se difícil e na permanência como proprietário<sup>8</sup>. Mas, não somente experiências de resistências são válidas; outras tantas podem surgir por serem determinadas historicamente. Embora o conflito seja permanente, é preciso haver certa proximidade de interesses. É lícito supor, com base na hipótese do consenso, como um ponto fundamental a explicação para a integração<sup>9</sup>.

Neste sentido, Maristela Scarabelot <sup>10</sup> narra de forma condizente, a capacidade dos sujeitos e atores sociais de construir projetos de desenvolvimento em Nova Veneza. Interferindo na dinâmica do desenvolvimento rural, construindo sentidos econômicos para a sua atividade<sup>11</sup>. Embora para a

---

<sup>6</sup> THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Vol. 1, 1987, p. 13.

<sup>7</sup> THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 493 p.

<sup>8</sup> Obviamente pode-se falar na defesa de um modo de vida em particular.

<sup>9</sup> PAULILO, Maria Ignez Silveira. **Produtor e agroindústria: Consensos e Dissensos o caso de Santa Catarina**. Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação e do esporte, 1990.

<sup>10</sup> SCARABELOTTI, Maristela. **Construção de cadeias agroalimentares curtas e papel dos atores em Nova Veneza, SC**. 2012. 201 f. Dissertação (Desenvolvimento Rural), Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRJ, Porto Alegre, 2012.

<sup>11</sup> O objeto da autora são as cadeias curtas. Representadas em Nova Veneza pela produção de vinhos, farinha e queijo. Essas diferem da integração por permitirem um contato mais estreito entre o



autora, essa nova dinâmica de desenvolvimento rural, em contrapartida à integração, presente, sem a participação do poder público, práticas "frágeis", são importantes por promovem a cisão em relação ao "agronegócio". Parece acertado que, as novas atividades possibilitam a ruptura em relação à dinâmica do sistema integrado.

Se no Brasil, durante a última metade do século XX, o desenvolvimento rural como um espaço de luta para a definição do que seria o desenvolvimento rural<sup>12</sup>, manteve como fator hegemônico a participação do grupo patronal que infringiu, a partir de seus interesses, contornos sobre a função da agricultura na construção de uma "sociedade moderna" a partir da lógica do bloco capitalista. A partir da modernização do campo, houve um efeito contrário, embora considerando-se a fragmentação do setor familiar, para Cleber Bosetti, houve o realinhamento a partir deste, articulado a partir de movimentos sociais, reivindicando políticas de distribuição de terra e acesso a créditos.

Durante aproximação com as pessoas envolvidas na atividade, através de conversas informais e entrevista a partir de 2013, ficam evidentes as diferentes trajetórias de pessoas ligadas à atividade. Algumas têm raízes no campo, outras pessoas saíram da propriedade dos seus pais quando jovens em busca de trabalho na cidade e retornaram na última década. Outros indivíduos abandonaram definitivamente o campo<sup>13</sup>, cessaram suas atividades, por consequência da mesma e foram buscar outras formas de trabalho.

A integração como um conceito será discutida mais adiante, nos próximos tópicos. Como prática será problematizada no próximo capítulo, no contato direto com os produtores, considerando este envolvido no contexto do movimento econômico Catarinense.

## 2.2 NOVA VENEZA E SUAS ATIVIDADES ECONÔMICAS

---

produtor e os seus compradores, muitas vezes, essa proximidade remete a outros elementos como a tradição o "saber fazer", apreciado entre os fregueses.

<sup>12</sup> BÔSETTI, Cleber José. **Perspectivas de desenvolvimento rural em disputa no Brasil**. 2013. 401 f. Tese (Sociologia Política), Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2013.

<sup>13</sup> Seguem alguns dados das seis entrevistas realizadas. A unidade é mantida por trabalho familiar, marido e esposa trabalham juntos. Os filhos exercem outras atividades, na cidade ou estão estudando. Não há constatação entre as propriedades visitadas da necessidade de contratar mão de obra assalariada. A faixa etária entre os envolvidos é de 45 anos.

Nova Veneza, está localizada entre a encosta da serra geral e o litoral, no extremo sul catarinense. O processo de colonização e a ocupação definitiva do território ocorreu no final do século XIX. Fica patente que o grupo étnico Xokleng, pertencente ao tronco linguístico "Jê", fora removido da terra que habitava<sup>14</sup> em paralelo com a construção dos núcleos coloniais.

O núcleo colonial de Nova Veneza foi criado 1891, pertencendo inicialmente ao município de Araranguá. Em 1958, torna-se município ao separar-se de Criciúma, da qual fazia parte desde 1925.

Dentre as características dos núcleos coloniais, entre os quais podemos citar Urussanga (1878) e Criciúma (1880), podemos destacar: pequena propriedade entre 25 a 30 hectares e, como característica estruturante das relações de produção, o trabalho familiar.

Em paralelo, dois processos são deflagrados com a presença de grupos étnicos italianos, alemães e lusos brasileiros durante a colonização: a transformação do espaço sociocultural e ambiental. Esses dois tendem a se intensificar ao longo do século XX, na região, inicialmente com a derrubada da mata, voltada para produção agrícola de subsistência e composição de áreas à pecuária.

Logo mais, adentrando às décadas, tem-se nos núcleos coloniais transformados em municípios, o desenvolvimento de setores primários, agrícolas e extrativistas,<sup>15</sup> possibilitando o desenvolvimento da estrutura econômica.

A economia de Nova Veneza tem ligação histórica com a agricultura, tanto de subsistência, como na capacidade de comercializar os excedentes, correspondendo aos processos desencadeados pós-imigração como a construção e o estabelecimento<sup>16</sup> de relações comerciais entre os centros dos núcleos locais regionais. Atualmente, o município tem uma população rural em cerca de: 1.028 famílias que obtém<sup>17</sup> das atividades agrícolas a sua principal fonte de renda. Segundo Scarabelot, dentre uma população de 13 mil habitantes, em 2010, 67 % corresponde ao núcleo urbano e cerca de 33 % a área rural. No entanto, dentre o percentual total das famílias rurais, existem pessoas que vivem na área rural, mas dela não advém a sua fonte principal de renda.

---

<sup>14</sup> DOS SANTOS, Silvio coelho. **Índios e brancos no sul do Brasil**. Florianópolis, Lunardelli: 1973.

<sup>15</sup> Criciúma, no pós 40 passou a receber por conta da extração do carvão um excedente populacional volumoso. Em Nova Veneza, o beneficemente e extração do carvão não teve expressão.

<sup>16</sup> SCARABELOT, op. cit., p.78.

<sup>17</sup> Ibidem.

O movimento demográfico, em Nova Veneza, é mais acentuado durante processo de urbanização, ocorrido durante a década de 1970 a nível nacional, resultado de políticas macroeconômicas<sup>18</sup>. O deslocamento da população para o centro urbano, contrasta com duas características, no município. O primeiro, desenvolvimento dos setores de serviço e indústria de transformação, e a introdução da "agricultura moderna"<sup>19</sup>, com grau crescente de mecanização. Verifica-se aí, um crescimento contínuo da população urbana se comparada à rural. No entanto, isso efetivamente ocorre no final da década de 1980.

No quadro geral econômico, destacam-se outras atividades como o têxtil e o metal mecânico, assim como o agroalimentar, composto por beneficiamento de arroz, laticínios e abate de aves<sup>20</sup>.

Verificamos no período atual do município, atividades primárias, transformação e prestação de serviços. Neste contexto, volta-se para a transformação, mais precisamente, sobre o campo em relação ao processo de industrialização.

### 2.3 FORMAÇÃO DA AGROINDÚSTRIA, DIVERSIFICAÇÃO "INDUSTRIAL" E O TRABALHO INTEGRADO EM SANTA CATARINA

Acompanhamos a partir de agora uma periodização econômica de Santa Catarina, tendo em vista a dinâmica assumida pelo setor de alimentos.

Segundo Goulart Filho<sup>21</sup>, nos anos entre 1945-1962 é momento patente da diversificação e transição da base econômica catarinense para novos setores industriais, como: o têxtil e cerâmico. Neste contexto, o setor industrial de alimentos é criado e vai assumindo forma, evidenciando a transição do capital agromercantil, baseado em produtos agrícolas tradicionais, *in natura*, para o surgimento do médio e grande capital industrial. A região Oeste de Santa Catarina mantinha relações,

<sup>18</sup> Santa Catarina. Secretaria de Estado de Coordenação Geral e Planejamento. **Programa integrado de desenvolvimento sócio-econômico: diagnóstico municipal de Nova Veneza.** Florianópolis: SEPLAN, 1990, p.11.

<sup>19</sup> A "revolução verde", identificada como a "revolução" conservadora da agricultura. Por transformar o meio rural brasileiro, visando a sua integração com o processo de industrialização, entretanto, sem alterar as estruturas fundiárias do Brasil, sendo fato consumado e histórico no Brasil a questão da concentração fundiária.

<sup>20</sup> SCARABELOT, op. cit., p.77.

<sup>21</sup> GOULARTI FILHO, A. **Padrões de crescimento e diferenciação econômica em Santa Catarina.** 2001. 391 f. Tese (História Econômica), Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, 2001.

principalmente com o Sudoeste. No entanto, no momento descrito, modificam-se os produtos "tradicionais" derivados de suínos para o mercado de carnes e, após a década de 70, a diversificação caminha em direção da produção em larga escala de frango.

Diversificação e participação do Estado como fornecedor de produtos animais para o mercado nacional e a integração com este mercado é o que permite a indústria catarinense, instalada no Oeste Catarinense, ter um rápido crescimento. Para Goulart Filho, entre 45-62, a justaposição entre o capital industrial e mercantil será o ponto de partida para novo padrão de acumulação. Como efeito, durante o momento de crescimento e transformação dos frigoríficos em complexos industriais, a matriz social do trabalho, a pequena propriedade e o trabalhador subordinados ao capital agromercantil é o que permite a metamorfose deste para o capital industrial<sup>22</sup>.

Seguindo o movimento econômico, tem-se a participação do Estado, infringindo um diferencial de acumulação que passa a ser privado-estatal. No período de "[...] 1962, com o novo sistema de crédito, com os investimentos em energia e transporte e com a consolidação de setor eletro-metal-mecânico, liderado pelas médias e grandes indústrias" <sup>23</sup>. Todavia, para o autor supracitado, somente neste momento a economia passa a ser pensada por "órgãos governamentais"<sup>24</sup>, ou seja, há uma politização da economia e a integração entre as várias regiões do estado entre si. Segundo Alcides Goulart Filho o momento evidencia a transição econômica, mas acima de tudo, a transformação da matriz social do trabalho.

Contudo, o que é interessante ressaltar é que, a partir desta base firme que as indústrias agroalimentares catarinenses passaram a se projetar para fora do estado e crescer em intensidade constante, sem barreiras, subsidiadas pelo Estado. Ou seja, a proeminência das indústrias alimentares catarinenses não dependeram do capital nacional, eixo mais fraco no âmbito nacional que compunha o capital estatal e o externo, mas sim do estadual local e sua ligação deste com o privado. O fenômeno do surgimento desses complexos industriais a partir da sua conexão com a modernização da agricultura, está ligado no âmbito nacional a um movimento mais amplo com outros complexos agroindustriais<sup>25</sup>. Parece acertado que, em síntese, a

---

<sup>22</sup> GOULARTI FILHO, op. cit., p.149.

<sup>23</sup> Ibidem, p.149.

<sup>24</sup> Ibidem, p.150.

<sup>25</sup> Ibidem, p.236.

economia catarinense acompanha o processo de industrialização nacional e, o setor de alimentos, segue a lógica da modernização conservadora do campo.

A nível nacional, para Goulart Filho, tem-se no pós-90, a despolitização da economia. São fatos a adoção de políticas neoliberais, no momento de processo acentuado de endividamento do Estado. Em suma, a crise fiscal a que se refere o autor, não enfraquece o Estado, mas restringe a possibilidade de se construir políticas nacionais de desenvolvimento. Desenha-se uma nova ontologia das relações econômicas, pautada no grande capital financeiro. O Estado passa a ganhar força no contexto de acelerada privatização e desnacionalização, não para regular o "mercado", mas para "conduzir os ganhos especulativos do mercado financeiro, que se encontra completamente desregulado"<sup>26</sup>. Pode-se daí concluir que:

É dentro deste movimento mais amplo que devemos entender as mudanças estruturais na economia catarinense pós-1990 como a redução das atividades estatais, reestruturação da indústria cerâmica, o desmonte do setor carbonífero, a reestruturação patrimonial no complexo eletro-metal-mecânico, a desverticalização e a refração no segmento têxtil-vestuário e a desnacionalização no complexo agroindustrial<sup>27</sup>.

Neste contexto, o padrão de crescimento passa a ser liderado pelo capital multinacional e financeiro. Também assiste-se no pós-90, a introdução de capital externo, facilitado pela política cambial e monetária, "o complexo agroindustrial catarinense foi duramente castigado com uma reestruturação patrimonial em favor de multinacionais"<sup>28</sup>. Essas transformações passadas pelo complexo agroindustrial, que atingiu a sua estrutura, promove em paralelo a introdução de novo aparato tecnológico<sup>29</sup>. Não obstante, os três últimos momentos assistiram a transformação do campo e do trabalho, a transformação da estrutura econômica e a transformação do espaço geográfico e sociocultural. A criação e diversificação da economia foram seguidas por uma crescente sindicalização, tanto do campo quanto dos vários setores que compõem a economia. Em suma, parafraseando Alcides Goulart Filho, observa-se o surgimento das proeminentes empresas agroalimentares Catarinenses, no mesmo espaço e lugar aonde surge o Movimento dos Trabalhadores Sem Terras, MST. Contrasta o desenvolvimento econômico com a exploração do trabalhador.

---

<sup>26</sup> Ibidem, p.256.

<sup>27</sup> Ibidem, p.256.

<sup>28</sup> Ibidem, p.274.

<sup>29</sup> Ibidem, p.275.

Seguindo a transformação da agroindústria e considerando as empresas principais, seguimos Dalla Costa<sup>30</sup> através de sua tese, tendo as empresas como objeto, dentro de uma análise econômica e sociológica. O autor procura defender a hipótese de como o quadro tradicional de criação de frango "evoluiu" em poucas décadas, garantindo o "sucesso" das principais empresas (Sadia, Ceval, Perdigão, Avipal, Frangosul e Chapecó) em função da implantação do modelo vertical (oriundo dos EUA) "ao longo de todas as etapas da integração vertical"<sup>31</sup>, ou seja, do primeiro dia de vida do animal até a sua comercialização. O modelo vertical em si, apresentou vantagens "inerentes à integração vertical, à economia de escala e à diversificação de setores e de produtos, aumentaram o volume de produção"<sup>32</sup>. Tudo isso, ou seja, as vantagens proporcionadas pela concentração sobre um mesmo grupo de vários setores, e quando propícias delegadas a terceiros, implica em vantagens aos praticantes do modelo; vantagens dentro um mercado competitivo. O produtor, como um terceiro, participa então em uma economia de escala<sup>33</sup>, ou seja, a capacidade de aumentar ou diminuir a quantidade de matéria-prima e, manter a mesma sobre baixo custo, mas com qualidade suficiente. Enfim, essas mudanças foram graduais, mas constantes. Segundo a tese defendida por Dalla Costa, essa foi a principal inovação, que permitiu vantagens sobre as empresas que não atuavam da mesma forma, nas diversas áreas do país.

O setor, não somente cresceu a passos largos para outras áreas do território nacional, como suprimiu e impôs o modelo de integração a outros centros tradicionais de produção de aves como o Sudeste. Considerando a dinâmica assumida pelo setor, há uma modificação nos hábitos alimentares da mesa brasileira. Em síntese, o processo que perpassa o setor de alimentos, permite visualizar a alteração dos hábitos alimentares em consonância com a busca de novos mercados consumidores, em paralelo com a industrialização acentuada no sudeste, evidentemente mercado mais forte comparado com o interno catarinense<sup>34</sup>. Efetivamente, o setor conseguiu diminuir os preços e conquistou o mercado

---

<sup>30</sup> DALLA COSTA, Armando. João. **Agroindústria brasileira contemporânea: inovações organizacionais e transformações na avicultura**. 1997. 352 f. Tese (Doutorado em História Econômica) - Université de la Sorbonne Nouvelle Paris III, Paris, 1997.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 296.

<sup>33</sup> Para Dalla Costa, economia de escala pode ser definida como: o crescimento da produção ao um nível que passa a ser reduzido o custo, tanto de distribuição quanto produção. No caso, a matéria prima passa a ser produzida em escala o suficiente para redução constante do custo.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 297.

consumidor, principalmente por conta da produção em massa e diminuição do preço.

A análise de Dalla Costa, tem como objeto as principais empresas do setor, que correspondem, em Santa Catarina, a cerca de 50% do número de abates. O autor não deixa de mencionar a outra parcela de pequenos e médios frigoríficos que completam a parte restante. No sul do Estado, assim como em outras partes, existem ou continuam existindo frigoríficos de pequeno e médio porte. Em 1995, foi adquirida a unidade de Forquilha, AgroEliane, pela Seara<sup>35</sup>.

Com o desenvolvimento das indústrias e intensificação das relações com os produtores, somando-se à inovações técnicas e humanas, ocorrem de forma contraditória. Conclui-se que, a partir daí e tendo como objeto as experiências socialmente construídas pela presença do setor no campo, elementos como a larga utilização da tecnologia, a necessidade de produzir em mais quantidade e a menor preço, atinge diretamente todos os setores da cadeia produtiva, e com isso, a propriedade.

Volta-se por esse motivo, no quadro dos nos anos de 1990 e os desdobramentos para a década seguinte. José Cardoso<sup>36</sup>, enfatiza que não há necessidade de conceitualizar uma mudança visível em nível de observação. Dentro de Santa Catarina, o mercado de trabalho sofreu profundas alterações durante o início da década de 90, pós-implantação do plano real em julho 1994. Essa modificação recaiu sobre o trabalho com maior intensidade, e representa "um aumento brutal das taxas de desemprego e um processo de aumento da precarização do trabalho, que já vinha de um histórico de precariedade nas décadas anteriores"<sup>37</sup>. Todavia, o processo de reestruturação, pautando na década de 90, na indústria alimentar, teve um reflexo maior, considerando os rumos e estratégia adotados pelas grandes indústrias, visando o mercado externo. A antítese ocorre, considerando o caráter da economia do país de "preferia" e a oscilação constante do mercado mundial. Com efeito, a saída foi a que se dispunha no momento.

A automação na indústria brasileira de alimentos, apesar de ter se expandido muito ao longo da década de 1990, não foi ainda maior tanto em função do custo da força

---

<sup>35</sup> GOULARTI FILHO, op. cit.

<sup>36</sup> CARDOSO, José Álvaro de Lima. **Reestruturação produtiva e mudanças no mundo do trabalho**: um olhar sobre os setores têxtil e alimentício em Santa Catarina. Tubarão: Cesus/Editorial Studium, 2004.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 26.

de trabalho, que é inferior a alguns dos concorrentes internacionais, quanto à existência de alguns mercados consumidores que exigem cortes que só podem ser realizados manualmente<sup>38</sup>.

Segundo o autor, embora houvesse um crescimento interno quanto externo no setor de alimentos. A reestruturação atinge com mais força o setor de alimento em Santa Catarina considerando que "[...] Em menos de 30 anos, entre 1971 e 1999, a produção brasileira de aves cresceu 2.367%, pulando de 224 mil toneladas para 5.526 mil toneladas<sup>39</sup>". Neste patamar, Santa Catarina representa cerca de 50% das exportações mundiais, representando cerca de 20% da produção nacional<sup>40</sup>.

Entretanto, o objeto do estudo não são os produtores integrados, mas os trabalhadores e a dinâmica de reestruturação interna, principalmente entre o quadro de funcionários dos frigoríficos. Em suma, uma das marcas é a obsessão por constante redução de custos, isso afetando diretamente o salário e a renda do integrado<sup>41</sup>. Somente o efeito é contrário, a automatização representa para a empresa uma redução de custos, isso constatado entre os seus técnicos. Neste ponto, a renda do produtor se vê diminuída ao ter que manter-se investindo na propriedade<sup>42</sup>.

Sobre mais precisamente o Oeste Catarinense e a transformação do espaço, Noeli Pertile<sup>43</sup> analisa a introdução do sistema integrado e a transformação no espaço sociogeográfico, por agentes sociais, aonde a transfiguração dos frigoríficos em agroindústria, do capital agromercantil para o industrial, representou uma profunda cisão. Vista efetivamente na reestruturação das redes de comércio, na agricultura e industrial regional<sup>44</sup>.

Os integrados também são agentes sociais, no entanto, a autonomia é removida e concentrada nas mãos da agroindústria, que em si, é responsável pela tomada de decisões, e como efeito confluindo tecnologia diretamente para o espaço da propriedade<sup>45</sup> rural. Ou seja, o produtor tem como necessidade acompanhar o

---

<sup>38</sup> Ibidem, p.203.

<sup>39</sup> DIESSE 2001, p.23 apud CARDOSO, op. cit., p. 201-202.

<sup>40</sup> Ibidem, p.225.

<sup>41</sup> Ibidem, p.144-145.

<sup>42</sup> PERTILE, Noeli. **Formação do espaço agroindustrial em Santa Catarina: o processo de produção de Carnes no Oeste catarinense.**2008. 267 f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2008.

<sup>43</sup> Ibidem.

<sup>44</sup> Ibidem, p.119.

<sup>45</sup> Ibidem, p.140.



movimento de exigência e tecnificação, mas essa decisão é operada sobre o mesmo, tendo como elemento a hegemonia nas decisões tomadas da agroindústria.

A mesorregião constituiu-se como importante produtora de produtos de origem animal entre 1920 e 1940. No pós 60, ocorre uma profunda transformação no ambiente familiar agrícola. Neste trabalho, a autora demonstra como o modelo integrado recebeu do governo estadual massivos recursos:

Ao serem definidas as políticas públicas em benefício de uma dada empresa, determina-se também o espaço priorizado de acordo com a localização das unidades (produtivas, administrativas, etc.) da empresa. As grandes empresas agroindustriais, por meio de seus representantes, especialmente quando ligados a cargos públicos, desempenham papel fundamental na organização do espaço, pois exercem uma influência marcante sobre o espaço em sua volta<sup>46</sup>.

Considerando a atividade na região estudada, no Oeste, segundo a autora supracitada, os números de crescimento populacional são relativamente expressivos, todavia, esse não é unicamente o ponto a ser considerado. Mas sim, como os reflexos causados pelo crescimento do setor e a necessidade de cada centro, agora como uma peça para a reprodução do capital industrial, em confluência para com interesses hegemônicos, consolida o setor de carnes. O papel hegemônico dentre esses sujeitos dentro do Estado, é perceptível. Segundo Pertile, ao longo dos períodos de crise, recursos não foram cessados, pelo contrário, contribuíram para a acumulação capitalista<sup>47</sup>.

Em Nova Veneza, o impacto sobre os setores não foi tão avassalador como no Oeste Catarinense, considerando a configuração local do setor de alimentos. Entretanto, a hipótese fica aberta, tomando as peculiaridades da economia Catarinense descrito por Goulart Filho. Contudo, em paralelo às transformações ocorridas, enfatiza-se um ponto em específico, as transformações operadas sobre o homem do campo ou sobre a construção do novo agricultor, não mais "colono".

Embora a desigualdade entre a dinâmica assumida e a preponderância de valores destinados a investimentos, como mencionado acima, para setores do médio e grande capital, detentores da estrutura pública. Pode-se afirmar que a modernização do campo constitui um ponto importante a ser considerado, tendo

---

<sup>46</sup> Ibidem, p.179.

<sup>47</sup> Ibidem, p.177.

como objeto a trajetória de muitos indivíduos e grupos que permaneceram no campo. Em suma, quem manteve-se no campo é parte da realidade, utilizando de recursos financeiros adquiridos por linhas de financiamento. Corrige a terra, adquire novas máquinas e demais equipamentos<sup>48</sup>. Também constrói-se aviários, estufas para lavoura do fumo e pocilgas para a criação de porcos.

Dos Santos<sup>49</sup>, discute em Forquilha, entre 1960-1970 imbricado com o movimento nacional, a alteração discursiva sobre o lugar do campo, no "Brasil moderno". Anteriormente vinculado a certo atraso, passa a figurar na "estreita ligação" a com agroindústria; fazer-se agente da transformação da sociedade brasileira, torna-se visível, ou seja, passa a existir. No contexto, entorno das discussões da alteração da base produtiva, a autora discorre sobre os efeitos da produção de carvão mineral na região de Criciúma, que até então mantinha-se direcionada unicamente a esta atividade, instável, sobre certa medida. Neste sentido, a modernização do campo, passa a ser vista como local de introdução de novas técnicas, advindas da indústria, e por esse motivo parte da mesma, já que os produtores deveriam readequar sua produção para adquirir novos bens de consumo, como máquinas e insumos.

Destaca-se a ACARESC como instituição do governo Estadual, oficial, para dar suporte e criar o novo "homem do campo". Para que isso fosse possível, foi necessária a construção e a disponibilidade de recursos e educação, direcionada aos jovens e outros espaços "Para tanto, para tornar moderno o campo e o homem que nele vivia, era fundamental reeducar, reelaborar, recriar, constituir tudo e todos que estivessem envolvidos no processo produtivo"<sup>50</sup>. Entretanto, houve resistência, mas também a participação e escolhas por parte dos produtores, vivendo a possibilidade, participando de escolhas.

Sobre o impacto social pelo modelo de desenvolvimento rural levado pelo desenvolvimento das agroindústrias, Vanice Schimit<sup>51</sup> discorre sobre a intensificação dos processos de mecanização, a constante necessidade de adaptação e grau de especialização recaem sobre a pequena propriedade, o ponto

<sup>48</sup> PAULILO, op. cit.

<sup>49</sup> DOS SANTOS, Johanna Steiner. **Escolhas e vivências dos colonos no processo de modernização do campo**. Forquilha - Décadas de 60 e 70. 2004. 98 f. Dissertação ( Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2004.

<sup>50</sup> Ibidem, p.89.

<sup>51</sup> SCHMIDT, Vanice Dolores Bazzo. Agroindústria em Santa Catarina: da integração à inclusão social. In: PAULILO, Maria Ignez Silveira; SCHMIDT, Wilson (org.). **Agricultura e espaço rural em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora UFSC, 2003. p.267.

mais suscetível da relação. Conclue-se, a partir de suas objetivações, que a concentração da produção em determinados municípios ou regiões, causa problemas sociais e ambientais.

#### 2.4 A INTEGRAÇÃO VERTICAL COMO UMA RELAÇÃO DE PRODUÇÃO E UMA RELAÇÃO DE PODER

Até agora, procurou-se demonstrar um pouco sobre o espaço rural e as perspectiva de desenvolvimento. A transformação na agricultura é um movimento econômico em direção à industrialização que modifica a base da estrutura econômica do Estado. Interfere no processo das relações de trabalho, causa problemas de exclusão sociais e ambientais. Entretanto, permite vias de possibilidade a um número de pessoas para manter-se como agricultor e proprietário. Mas, o que seria o sistema de produção integrada vertical? Dirigimos as próximas páginas considerando as relações estabelecidas e transfiguradas da qual o produtor faz parte, como sujeito ativo.

Em síntese, o sistema cria uma relação "mútua" entre empresa e integrado, que se consubstancia em uma relação de dependência, uma relação de poder assimétrico. O produtor tem acesso à técnicas e insumos, como a ração e os animais que serão alojados dentro da unidade produtiva. Não existe por esse intermédio, a relação entre o produtor e a indústria de ração, e nem deste com outros setores. O produtor, unicamente se relaciona economicamente com a empresa, na atividade indicada. A empresa fornece todos os elementos. Somente a unidade produtiva pertence ao produtor. Essa atividade pode ser entendida como uma forma de terceirização, por conta desses elementos<sup>52</sup>, não obstante, não funciona como uma forma de agregação de valor<sup>53</sup>. Como característica marcante, baseada no fato do produtor depender de recursos externos e a eles ficar "dependente".

Com duração de 40-48 dias, no final do desenvolvimento dos animais, o lote é entregue à empresa. A renda advém da conta entre "valor bruto" - "despesas" = "valor líquido". Cada novo alojamento constitui-se em uma forma de dívida a ser encerrada no final da entrega do plantel. O valor líquido, além de manter as

---

<sup>52</sup>CARDOSO, op. cit.

<sup>53</sup>SCARABELLOT, op. cit., p.93.

necessidades da família, deve manter a estrutura e demais gastos, como uma possível adaptação da propriedade a uma exigência externa, tanto da empresa quanto dos órgãos sanitários. Existem outros gastos como a energia que alimenta as máquinas e a lenha utilizada no aquecimento do aviário. Essa relação pode ser cancelada, havendo entre os mesmos a necessidade de ambas as partes comunicar com 60 dias de antecedência. Os preços são pagos por um cálculo feito pela empresa, considerando dois pontos: o índice de conversão alimentar e ganho de peso por quilo de ração<sup>54</sup>.

Com relação ao núcleo duro do contrato.

Na prática, embora possam ter formulações diversas, os contratos de produção, sendo irrelevante se são ou não escritos, indicam sempre na mesma direção: do conjunto das cláusulas e procedimentos básicos. A maioria está na dependência direta do poder do integrador e sobre os quais o produtor integrado não tem qualquer tipo de controle<sup>55</sup>.

Lembrando que, segundo Dalla Costa, a integração do produtor funciona dentro de um quadro mais amplo, centralizando vários segmentos da cadeia produtiva agroindustrial. No entanto, conclui-se que, a grande maioria dos integrados confia no trabalho da empresa integradora, pura e simplesmente<sup>56</sup>.

Essa pura e simples confiança é mantida por técnicos, no caso das maiores como a Sadia, afirma Roselaine da Silva. Por um lado, eles são os escudos das empresas, por outro, segundo entrevistas realizadas pela autora, são eles quem mantêm os laços, incentivam e convencem na construção de novas unidades, na possibilidade de fazer melhorias. Entretanto, por conta da investigação de sua tese, os próprios técnicos se fixam numa região, no máximo entre dois anos. Logo, a relação com a empresa perpassa pela confiança estabelecida entre os agricultores e os seus colaboradores. Parece ser uma relação transparente, mas a presença de um contrato obscuro demonstra que não é.

Sobre as especificidades de manejo dentro da propriedade e o tipo de atividade:

---

<sup>54</sup> Na verdade existe um pouco de variação quanto ao cálculo considerando as especificidades de cada empresa. No contrato que tivemos acesso, no entanto, nenhuma das cláusulas explica como dever ser precedido o cálculo que define a renda do produtor. Todavia, segundo produtores, existem tabelas a ser alimentadas com frequência, o que permite saber através do acompanhamento, o nível de ganho de peso por dia, e o resultado do lote entregue. Entretanto, isso significa que o produtor não tem acesso às tabelas de conversão.

<sup>55</sup> DALLA COSTA (1993), op.cit., p.147.

<sup>56</sup> Ibidem, p.147.

Na avicultura, trata-se de uma produção específica de matéria-prima, de origem animal, necessária para abastecer os abatedouros. É uma produção feita (fora do sol), que exige uma mão-de-obra especializada, a adoção constante de novas tecnologias, tanto em equipamentos como no manejo dos frangos e no seu carregamento, onde o avicultor atinge uma economia de escala, devido às quantidades de carne produzida. Para atender todos estes requisitos e garantir a quantidade de matéria prima exigidas pelas empresas é que estabelecem-se os contratos e suas cláusulas principais giram em torno disso<sup>57</sup>.

Nisto fica claro, não somente as regras e condutas esperadas dos trabalhadores, como na forma em que a sua renda é calculada, levando em conta dois aspectos: índice de conversão alimentar e o consumo de ração em relação ao peso ganho. Assim como outros elementos, como o ferimento de animais e o chamado pé de cama descontado do valor final do plantel<sup>58</sup>. Neste sentido, Roselaine da Silva<sup>59</sup> demonstra que, durante sua pesquisa de campo no sudeste do Paraná, entre 29 produtores consultados, somente um conhecia o tipo de cálculo utilizado pela empresa.

Sobre as questões estabelecidas formalmente e a prática, retorna-se no segundo capítulo. Agora precisamos entender porque embora "este seja o sistema", o produtor decide se integrar à indústria e como a mesma é entendida a partir das experiências dos agricultores. Ou seja, como elementos articulados a valores e normas, permitem aos sujeitos situar-se em relação à empresa e manter-se em uma postura "sobrevivente".

Voltamos para a região e para integração, tanto nos modelos assumidos pela avicultura quanto para a fomicultura e para criação de porcos. Procuramos articular nossa problemática através das problemáticas contidas num estudo de caso e, como tese de doutoramento construído por Maria Ignez Silveira Paulilo durante à década de 1980<sup>60</sup>, na região próxima a Criciúma: Nova Veneza, Urussanga, etc.

Segundo a autora, a integração deve ser entendida como algo a remodelar as relações estabelecidas historicamente. Neste sentido, para o produtor, a integração é sempre uma relação de conflito contínuo, não há uma homogeneidade constante. Os atores se portam e têm na permanência da atividade, elementos que hora são um, hora são outros: "Se concepções de mundo não foram

---

<sup>57</sup> DALLA COSTA (1997), op. cit., p.151.

<sup>58</sup> Entrevista.

<sup>59</sup> DA SILVA, Roselaine Navarro Barrinhas. **Trabalho integrado e reprodução ampliada do capital:** um estudo de caso no sudoeste do Paraná. 2011. Tese (História Social), Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, 2011.

<sup>60</sup> PAULILO, op. cit.

campos homogêneos, é possível a convivência de valores 'camponeses', 'pequenos-burgueses' ou 'capitalistas' num mesmo indivíduo"<sup>61</sup>. Todavia, o objetivo da autora supracitada é trabalhar a questão da escolha e como os sujeitos fazem suas escolhas através de valores que, em última instância do dado momento, não podem ser definidos unicamente por considerações econômicas, como rentabilidade, etc.

Como ponto básico, o sistema integrado modifica a relação do produtor com o mercado. Ou seja, o produtor "depende" da agroindústria para a aquisição de matéria-prima, e desta para a sua venda. Antes da agroindústria, os produtores vendiam seus produtos direto ao mercado local, em certa medida instável.

Seja qual o tipo de relação estabelecida, a comercialização do produto nos tempos de safra é um momento arriscado, levando em conta determinantes como a uma possível diminuição da safra ou o surgimento de doenças ou outras intempéries. Todavia, o produtor atuava num contexto aonde perdas e ganhos faziam parte de sua atividade, considerando a necessidade de comercializar alguns produtos não produzidos no estabelecimento. Logo, a integração, antes de tudo, significa, embora uma pequena renda, mais segura em relação a outros cultivos e outras atividades.

Outro fator interessante de ser mencionado é o acesso a insumos, muitos dos quais importados, são no contexto do estudo, unicamente utilizados pelo pequeno produtor quanto subsidiados pela agroindústria. Portanto, para quem se integrou, esse estava em vantagens comerciais em relação a quem não participa do mesmo processo. Neste sentido, o sistema de integração é um sistema competitivo, em que a seleção, constrói posições de individualidade.

Um dos conceitos utilizados por Maria Ignez S. Paulilo precisa de uma melhor explicação, o de "escolha racional" e "dominação tradicional". O primeiro, chamado de "escolha racional", para existir uma relação do tipo integrado, a empresa e o produtor precisam estar em certo consenso, não existe unicamente condutas contraditórias, isso é o que garante a manutenção das relações. Entretanto, embora a escolha seja racional, mantém um caráter assimétrico, neste sentido, vertical, o "jogo" com esses elementos fica restrito dentro de certos limites. No segundo caso, esses elementos convivem em um determinado momento histórico. Se a questão é justamente como os produtores entendem as relações, o

---

<sup>61</sup> PAULILO, op. cit., p.39-40.

próximo conceito é dominação tradicional, ou seja, busca-se reconstruir as redes comerciais que existiam na região, pois quando da presença do frigorífico, há um reordenamento e não uma ruptura abrupta da "ordem social".

Tanto Dalla Costa<sup>62</sup> quanto Paulilo<sup>63</sup> inferem sobre o caráter assimétrico e sobre a impossibilidade da alteração dos contratos sem uma movimentação de caráter social. Nisto, os dois autores concordam, considerando o caráter do estabelecimento dos contratos.

Embora as relações possam ser verticais, para Maria Ignez Silveira Paulilo, isso não impede de haver mobilização e solidariedade entre os produtores de forma horizontal.

## 2.5 O PESO DA ATIVIDADE NA ECONOMIA DA CIDADE.

Segundo informações obtidas através de três momentos distintos, contidos no censo agropecuário<sup>64</sup> de 1960, 1985, 1995-1996 e entre os anos de 2006 a 2012, assistimos a um considerável aumento no número de aves: 37.493 mil em 1960; 122.130 no ano de 1985; entre 70.000 e 290.000 mil em torno de 1995-1996. O número do crescimento não parece ser ascendente em proporções significativas, entretanto, com a inauguração em 1997 de um frigorífico, assiste-se um salto exponencial na quantidade de animais<sup>65</sup>.

Entre 2006 a 2012 tem-se: de 1.045.000 para 1.631.479, havendo um substancial decréscimo entre os anos 2010, com progressiva retomada no ano seguinte, em 2011, com 2.790.700. As disparidades dos dados podem ser identificadas nos momentos recentes com a crise, que afetou(a) o setor entre os últimos 4 anos e a transferência, das três empresas atuantes na região, a Seara de Forquilha, a Agrovêneto de Nova Veneza e a Tramonto de Morro Grande para o Grupo JBS.

<sup>62</sup> DALLA COSTA (1997), op. cit.

<sup>63</sup> PAULILO, op. cit.

<sup>64</sup> IBGE, **Censo Agrícola de 1960**: Paraná - Santa Catarina. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/44/ca\\_1960\\_v2\\_t12\\_p2\\_pr\\_sc.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/44/ca_1960_v2_t12_p2_pr_sc.pdf)> Acesso em: 10 set. 2014.

<sup>65</sup> IBGE, **Pesquisa Pecuária Municipal** - 1974-2012. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=73&z=p&o=26>> Acesso em: 10 set. 2014.

Fazendo um comparativo, em 2006,<sup>66</sup> das três atividades agrícolas mais praticadas, em Nova Veneza, chega-se aos seguintes dados: Arroz, com cerca de 600 estabelecimentos, dispendo de cerca de 503 famílias; milho, com 330 estabelecimentos e em torno de 260 famílias e o feijão cultivado entre cerca de 50 estabelecimentos e famílias respectivamente.

Na pecuária,<sup>67</sup> relativo ao mesmo ano de 2006, observa-se maior peso respectivamente em número de estabelecimentos; bovinocultura/leite, com 260 famílias e, mesmo número de estabelecimentos também identificado entre propriedades que trabalham com avicultura; nesta tem-se cerca de 73 famílias e respectivos estabelecimentos.

Para aproximar alguns dados, segundo informações levantadas junto à Epagri/Cidasc, esse número de famílias tende a ficar em 82 famílias em 2011 e em torno de 65 em 2014. Independente do critério de organização, já que algumas famílias contam com uma ou mais unidades, o tamanho das unidades pode variar de forma significativa, mas cada unidade não tem uma oscilação abrupta entre a capacidade de alojamento próxima 15 a 20 mil aves.

Os dados obtidos em 2014, apontam para a existência de seis unidades, com capacidade de alojamento entre 40 a 65 mil aves e uma acima de 70 mil. Comparando ao ano de 2011, essas 6 unidades são relativamente superiores, somente no ano analisado uma delas supera cerca de 40 mil. Todavia, existem unidades com tamanho padrão, mas pertencentes a uma mesma família, que por estarem com outro nome, não podem ser contabilizadas. Não obstante, os dados encontrados, não confirmam que todas as unidades estão em funcionamento, considerando o tempo de cerca de 7 a 10 dias que ocorre entre o alojamento de um novo lote.

Segundo E. P. Thompson<sup>68</sup>, não somente filósofos pensam sobre a realidade, e para isso formulam hipóteses e abstrações, colocam a realidade dentro de um quadro explicativo, especulativo e abstrato. Homens e mulheres também refletem sobre a sua volta, a partir de suas experiências, construídas dialeticamente no movimento de classe, de existência material, manifesta-se em um determinando momento a consciência, o entendimento dos seus interesses contrários a outros.

---

<sup>66</sup> Epagri-Cepa apud SCARABELLOT, op. cit., p.76.

<sup>67</sup> Epagri-Cidasc apud SCARABELLOT, op. cit., p.77.

<sup>68</sup> THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1981.



Contudo, é sobre essa experiência e também sobre o pensar sobre ela que nos debruçamos a partir de agora. Essas experiências são parte do vivido do sentido, estão presentes dentre as relações e as práticas da vida cotidiana, nas formas de sociabilidade cristalizada em tradições, na organização do trabalho e também no lazer da família, da classe. Engana-se quem reconhece em Thompson a experiência como uma forma de culturalismo e não reconhece a força do conceito referente à contradição de classe, sentida e identificada pela lógica dos entrevistados sobre a sua condição e sobre as relações que fazem parte.

Procuramos nas próximas páginas, demonstrar quem é a "firma", para os avicultores, assim como quem é o "patrão". Isto tudo dentro da estratégia de permanência na atividade; é a parte mais forte da corda, é quem tenta se impor e dá o tom da sua atividade, para os mais velhos. Consternados por constantes desilusões, mas também ligadas à trajetória particular de permanência, garantida por elementos individuais, muitos dos quais "relativizados". Entretanto, reconhecem na sua atividade, as marcas dos tempos atuais na transformação mais direta e na dificuldade de se manter na atividade, assegurar o seu patrimônio material. E, para os mais novos, veem na atividade e por detrás dela, a empresa como um parceiro, adequado dentro de uma nova racionalidade.

### 3 DAS EXPERIÊNCIAS DOS PRODUTORES NO SISTEMA INTEGRADO

Optou-se inicialmente por um recorte histórico mais longo, através da análise de fatos e eventos consubstanciados na integração por vias do contrato e demais práticas estabelecidas. Ocorre que, durante o momento da realização da pesquisa, no contato com quem manteve-se durante a última crise<sup>69</sup>, o momento que se vive é permeado por sentimentos de pessimismo. A situação passada é descrita como o momento de "pagar para trabalhar"<sup>70</sup> e, quem não foi desligado do dia para a noite, na transição para um novo grupo, o futuro parece incerto. Ninguém tem muita certeza do que vai acontecer durante o ano e como vai caminhar o seu ramo de atividade. Ou seja, quais serão as novas exigências, a qualidade dos insumos fornecidos pela empresa e segurança em relação a isso, já que muitos produtores perderam animais por falta da ração e de qualidade inferior. Porque afetam diretamente a renda, comprometendo as finanças da família. Pouco se especula quanto à instabilidade e continuidade do valor pago por animal vivo e como vai se comportar o "mercado", por ser 70% do destino da carne da região "tipo" exportação<sup>71</sup>, isso no frigorífico de Nova Veneza. Não mais se conhece os donos da empresa<sup>72</sup>.

Assim, a primeira parte deste capítulo faz-se uma reflexão teórica sobre os conceitos de classe, luta e consciência, tendo referência os estudos do historiador inglês E. P. Thompson. Faz-se uma reflexão sobre dois conceitos que consideramos centrais para o trabalho que são o de memória e história do tempo presente.

---

<sup>69</sup> Pode-se descrever a crise não por suas causas, mas por efeitos reais para os produtores. São três os agravantes: diminuição do valor pago por animal, falta de insumos e a péssima qualidade da ração fornecida. Como esses elementos influenciam diretamente na renda dos produtores, explicaremos ao longo do texto. O período da crise mais aguda é dois anos próxima da realização das entrevistas entre agosto e setembro de 2014.

<sup>70</sup> Transcrição entrevistas, Pedro. Obviamente utiliza-se pseudônimos, para registro entrevistamos famílias com sobrenomes de descendência "italiana".

<sup>71</sup> Diário de Notícias. Criciúma, 4 set. 2014. Sul em Ação 2, p.30-31. A integração ocupa na reportagem do jornal duas belas páginas. Atentamos para um fato, na matéria; além dos números que são consideráveis para o setor, aparece a figura dos avicultores e de sua entidade representativa. Entretanto, em nenhum momento é mencionado as característica da entidade, nem sobre suas reivindicações. A narrativa do Presidente, dentro da matéria, assim com o conflito de interesse é reduzido a mera cordialidade e para o consenso de interesses. Como se a tecnologia apontada como um elemento constante da atividade não atenua problemas para os avicultores e como se o papel da associação fosse garantir barganha por melhores preços. Por mais incrível que possa parecer, produtor e agroindústrias são colocados dentro de um consenso irreal. Afinal, a empresa se retirou das negociações, segundo relatado do representante da associação. Entrevista representante associação, Lúcia Cimolin.

<sup>72</sup> "É um mistério essa JBS". Transcrição entrevistas, Pedro.

### 3.1 REFLETINDO OS CONCEITOS PARA COMPREENSÃO DO SISTEMA INTEGRADO

Se a questão é como os avicultores experimentam os vários momentos da integração ao longo do tempo, o sentido da narrativa crítica, busca responder a essas questões, aproximando o conceito de experiência histórica em Thompson para dar vazão à questões das relações sociais do trabalho e aprofundando discussão sobre memória e o conceito de história do tempo presente, sobretudo "A história já não é mais aquela... Ela se torna coparticipante dos acontecimentos: vive-se e conta-se sobre o que se vive"<sup>73</sup>. Pois, afinal, qual o estatuto do passado nesse mesmo presente? A questão não é unicamente dirigida aos pesquisadores, na composição de seu arcabouço teórico, mas para qual passado se olha e o que esse passado tem a nos dizer.

Todos esses fatos ou fenômenos têm sua realidade material concreta, contudo, primeiramente busca-se definir nos termos marxistas a relação entre "luta", "classe" e "consciência" e dessa para a "cultura". Pois, nesse caso, a partir de agora envereda-se sobre relações sociais presente na forma que assume o trabalho e desta relação dialética para a tradição ou cultura. Sobretudo, importante reflexão a ser considerada é a forma como a "cultura" é discutida por Thompson dentro da tradição marxista. Segundo o historiador, a tradição como conjunto de símbolos e normas, depende de um contexto determinado sobre formas historicamente específicas <sup>74</sup>, em suma, relações sociais de trabalho. Em contrapelo, no desenrolar do processo histórico, o efeito político que transforma o momento e na posteridade, não casualmente, implica diretamente no entendimento sobre o mesmo fato. A realidade histórica como determinação concreta, pode bem ser a imposição de uma visão de mundo pelo fator hegemônico, quanto produzir os efeitos opostos, a resignificação e representação contrária no processo de resistência, mediante movimentos sociais. Neste sentido, quanto à interpretação:

Será necessário desfazer o feixe e examinar como mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do

---

<sup>73</sup> MOTTA, Márcia Maria Menendes. **História, memória e tempo presente**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p.34.

<sup>74</sup> THOMPSON (1998), op. cit., p.22.

costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho<sup>75</sup>.

E. P. Thompson demonstra que a história social de boa parte do século XVIII, funda-se num embate central: entre a cultura plebeia (economia moral, baseada em costumes), em resposta à economia de mercado ou capitalismo, com seus novos processos de trabalho, inovações técnicas e modificações no padrão de consumo<sup>76</sup>. Em outras palavras, a "cultura plebeia" representou resistência, contrariamente à visão de "cima" que cimentou o conceito de folclore (estático), a partir das coordenadas exigidas pelos "mercados liberais". E. P. Thompson demonstra que, essas tradições eram reelaboradas como respostas aos efeitos da industrialização, por essa configuração eram transitórias, mas livre e adaptável. Nesse momento, a classe se manifesta em relação a interesses contrários como parte da resistência dos trabalhadores ao movimento alargado pelo capital industrial. Por isso, "cultura", nos trabalhos de Thompson é elemento vivo da ação humana. Entretanto, isso não significa que não seja alienada. O importante é atentar para o movimento da "classe" e não unicamente para o movimento da cultura. A cultura, através de sua configuração específica, dá suporte à consciência coletiva.

Alargando melhor a discussão. Nas palavras de E. P. Thompson em, a "Miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser", este tem por "obrigação moral", fazer prosseguir os estudos em Marx e não discutir "marxlogia"<sup>77</sup>. Logo, isso significa revistar alguns pontos para Thompson, que são ambíguos nos escritos de Marx. Notadamente, a relação "base" e "superestrutura ética" ou "modo de produção" que detona os questionamentos de determinação do processo histórico. Como demonstra na introdução de "A formação da classe operária inglesa: A maldição de Adão"<sup>78</sup>, não existe uma relação de causa e efeito, entre introdução da indústria e formação dos trabalhadores, visível e cristalizado na tradição literária e histórica do século XIX. A classe operária não estava pronta, a partir do início da atividade da primeira máquina a vapor. Explico melhor, os movimentos sentidos tanto pelas duas tradições literária e histórica, em certa medida, demonstram um mundo transformado pela adoção de ferramentas,

---

<sup>75</sup> Ibidem, p.22.

<sup>76</sup> Ibidem, p.21.

<sup>77</sup> THOMPSON (1983), op. cit.

<sup>78</sup> THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3v.

dos processo produtivos, do ambiente, do surgimento de uma massa, mas sem levar em conta a "classe" como um processo histórico e sociocultural. Notadamente, segundo Thompson a classe não é um valor abstrato, mas um fato efetivo por existir.

E verificamos que, com 'experiência' e 'cultura', estamos num ponto de junção de outro tipo. Pois, as pessoas não experimentam suas próprias experiências apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos [...] Elas também experimentam suas experiências como sentimentos e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas<sup>79</sup>.

A classe é seu próprio fazer-se, é a própria essência, não uma quantidade nem um união heterogênea de indivíduos, mas consciência de coletividades. Portanto, como não existe efeito direto ao processo de industrialização, os trabalhadores não são feitos à imagem das indústrias e seus processos de produção, entretanto, a consciência não surge em relação à modificação, às relações sociais e culturais, disto dependem outros elementos. A consciência, se existe, é como fato histórico, enquanto vivida, é um momento em que as experiências e a cultura são manipuladas dentro da ação, como conflito de interesses, no momento de percebimentos contrários a outra classe e em defesa de seus interesses. Neste sentido, embora a experiência possa ser determinada, a consciência não:

Os homens e mulheres também retornam com sujeitos, dentro deste termo - não como sujeitos autônomos, 'indivíduos livres', mas como pessoas que experimentam suas situações, relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismo, e em seguida, "tratam" essas experiências em suas *consciência* e sua *cultura* (as duas outras expressões excluídas pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, "relativamente autônomas") e, em seguida, (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada<sup>80</sup>.

Homens e mulheres buscam "sobreviver" e, neste contexto, se submetem à relações econômicas antagônicas por sua essência. As "experiências" são estruturadas a partir do conflito das relações sociais estabelecidas, mas que são reconhecidas e experimentadas a partir da sua cultura, ou seja, a partir de normas de obrigações e sentimentos, elementos na sua concretude, estruturada a partir da

<sup>79</sup> THOMPSON (1998), op. cit., p.189.

<sup>80</sup> Ibidem, p.182.

reprodução da vida material. O significado a que se atribui a algo, é o que orienta a tomada de decisão frente ao campo de interação social, não é fixo, depende do contexto, é resignificado e reelaborado. Neste sentido, no "devir" do processo histórico presente na realidade encontrada, quais outras experiências podem "surgir" atuando dentro desta mesma lógica, direcionando ações? E, que manifestam-se da introdução de novos meios no campo, no momento em que agricultores da região do Sul de Santa Catarina experimentam novas formas de trabalho? O importante não é a "estrutura" de classe resultante, mas aonde se dá a ação sobre a situação que se vive.

Sobre essa experiência pauta-se nossa análise, entretanto, volta-se a questão levantada inicialmente: a relação entre a produção do discurso histórico e a memória. Nisto, "A história do tempo presente é, sem dúvida, o lugar mais visível e privilegiado para a análise do embate entre história e memória"<sup>81</sup>. Segundo Márcia Mota, o passado é resignificado a partir do presente e deste mantém relações permeando interesses dos grupos envolvidos que, vivendo o fato, ou seja, manipulando o passado e o presente, estabelecem nexos a partir deste para a composição da memória. A partir dos valores do presente, constróem-se as bases para a composição de um tecido que pode ter lembranças escolhidas, assim como o esquecimento é elemento parte do processo.

Márcia Mota, identifica a composição da memória, tendo como referência os trabalhos de Michel Pollak, nos interessa dos elementos explicitados pelo autor. O primeiro é a memória indissociável do sujeito que viveu os fatos. O segundo, uma identificação com o passado por elementos fortes o suficiente para "contaminar" as lembranças dos próprios sujeitos, que se veem parte de uma história que não viveram. Se a questão é porque esquecemos as coisas, essa também é uma característica social<sup>82</sup>. Para a autora, manipular a história do presente é lidar com esses elementos, nessa mesma ambiguidade, por isso lugar privilegiado, entretanto, para o historiador a cautela deve ser maior. O problema não é a falta de fonte, mas a abundância de elementos que leva o risco de ao tomar a memória como fato, não entender o fato como parte da memória.

Em síntese, "[...] a história do tempo presente é o lugar autorizado para se construir uma narrativa científica acerca do que vivemos, de como vivemos, do que

---

<sup>81</sup> MOTTA, op. cit., p.30.

<sup>82</sup> MOTTA, op. cit., p.27.

estamos consagrando como memória e, por contraste, do que estamos esquecendo"<sup>83</sup>. Segundo a autora o tempo, aquilo que promoveria esse distanciamento é direcionado para a ética, entendida como um julgamento a partir de valores, ou melhor, o conhecimento pelo sujeito que faz a história de suas próprias posições políticas. Parte-se do pressuposto de uma relação mais próxima entre o sujeito que escreve e problematiza e o objeto que é o tempo que se vive. Confiamos aqui, se na solidez de um trabalho "científico", é exigida a transparência do método. Para quem viveu no meio rural, cresceu e teve diante de si as práticas cotidianas do sistema integrado, a empresa ou firma é sempre o "inimigo".

A discussão sobre memória e a história do tempo presente, tem um peso importante quando deparávamos com a seguinte questão. Perguntava-se para os produtores como estava a atividade. As respostas eram sempre as mesmas: atualmente, está uns 80 ou 90 % normal. Afinal, aquele passado, diferente do seu presente, não passava? Ou seja, porque da visão "natural" de que aquele momento inicial não era recheado de exigências, conflitos e tensões. Afinal, nunca houve uma "crise" na avicultura? Se a questão é sobre a veracidade dos fatos, de quais memórias estamos falando, da imposição hegemônica empresarial ou da memória individual e coletiva, construída pela presença ou não de uma entidade organizada? Se estamos frente a um conflito de interesses e um conflito sob a representação do passado, procura-se demonstrar a situação em que os produtores resistem às práticas da empresa e buscar compor uma síntese sobre a condição de trabalho que se desenrola durante os dias e durante os ciclos, tendo como base as relações estabelecidas em outros momentos. Por esse motivo, a relação é de conflito permanente. Contudo, embora existam conflitos e relações com a empresa, distintas em certo sentido, devemos atentar para a mobilização dos avicultores em torno de uma associação e desta para com a classe. Esse paralelo entre o interesse do capital e dos produtores integrados, será a "dualidade" que procura-se demonstrar através da construção da narrativa "histórica".

Saindo da verticalidade e individualidade, estruturante da condição dos produtores integrados, que não deve ser entendida como experiência de "passividade". Os produtores são parte de uma classe, entretanto, a "consciência" é que luta para existir. Na região, essa consciência vai compondo e resignificando

---

<sup>83</sup> MOTTA, op. cit., p.34.

símbolos, construindo sentido e significados, durante momento específico, a "recente" mobilização dos avicultores. No movimento mais amplo, conta com significativas conquistas e participação dos produtores, mas luta e tem problemas para "existir" socialmente. Embora utilizemos o conceito crise, esse processo se arrasta a um bom tempo. Não que o setor esteja em crise, como esteve, de fato, envolvendo as empresas da região, mas sim o modelo de integração implantado cria problemas que vão acentuando aos poucos, parte de um processo maior, como visto no capítulo anterior. A especialização do trabalho, a pressão constante sobre as unidades produtivas, as exigências sobre investimento e a exclusão social.

Por outro lado, Santa Catarina conta com uma configuração peculiar do espaço social, centros urbanos compostos por uma população não muito grande e a existência de pequenas e médias cidades, com uma característica marcante, a presença econômica da agricultura<sup>84</sup>. Encontra-se ruptura atenuante dentro das características citadas, dentro do contexto moderno: a ruptura entre as gerações e a quebra entre horizontes de "expectativa"<sup>85</sup>. Maria Ignez Paulilo registrou com precisão o momento representado para as pessoas do meio rural, diante desse "novo" momento vivido na década de 80. No seu trabalho, citado anteriormente, não somente os processos se acentuam, mas vem ao encontro uma maior mobilidade no campo. O espaço físico e o "cultural" tonam-se móveis, não pela modificação do campo, mas por acelerado processo de mudanças por efeito da utilização de "dinheiro", recursos e novas técnicas. Embora os pequenos produtores obtiveram uma pequena parcela dos recursos, foi significativa. Isso contrasta com as décadas iniciais do século XX. Os agricultores poderiam então acompanhar parte do movimento da "modernização do campo", a partir das três formas de integração<sup>86</sup>. Entretanto, a autora deixou a questão em aberto, quando essa aproximação e interesse divergem. Qual o quadro que se manifesta?

Sobre o trabalho, tendo como objeto os produtores integrados dentro dos quadros da avicultura, podemos destacar dois estudos recentes sobre a temática. Roselaine Navarro Barrinhas da Silva<sup>87</sup>, demonstra a não transparência das relações de trabalho e a flexibilização da reprodução do "capital", no Sudoeste do Paraná.

---

<sup>84</sup> PAULILO, Maria Ignez Silveira; SCHMIDT, Wilson (org.). **Agricultura e espaço rural em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora UFSC, 2003.

<sup>85</sup> THOMPSON (1998), op. cit.

<sup>86</sup> PAULILO, op. cit., p.92-93.

<sup>87</sup> DA SILVA, op. cit.



Isso ocorre no direcionamento do investimento necessário aos produtores, reduzindo o capital investido da empresa e a não utilização de trabalho remunerado sobre características formais, nisto a exploração do trabalho das famílias. Para a autora, essa forma de "reprodução ampliada", é o que permite ao capital a utilização de relações não capitalistas e a expropriação da mais valia dos trabalhadores, sem modificar relações tipicamente não capitalistas. O "campesinato", ou melhor, a forma de vida campesina seria uma delas. Já, a dissertação de Edivane de Jesus<sup>88</sup>, tem como recorte a integração no Oeste Catarinense. A autora problematiza a carga excessiva de trabalho, atenuada com a condição insalubre das unidades de produção, por contato com agentes físicos e biológicos. Fatores tencionados durante a reestruturação produtiva ocorrida dentro da Seara, no Oeste Catarinense, durante a década de 90.

Sobre os problemas enfrentados na região, pode-se citar resumidamente a pauta de reivindicações da Associação dos Avicultores do Sul do Estado de Santa Catarina. Fica claro na "Pauta de Reivindicações Elencadas em Assembleia Geral"<sup>89</sup>, a criação de um canal de comunicação entre a empresa integradora e a entidade representativa. Ou seja, a comunicação nunca existiu dessa forma. Contudo, as reivindicações da associação, de modo geral, abrange características do trabalho e da relação que atingem todos os produtores. Nisso, deve ser enfatizado, tendo em vista o grau de relação individual entre empresa e integrados e particularidades destes com a sua atividade. Pode-se, a partir daí, resumir brevemente nas seguintes categorias: da não exclusão imediata, praticada atualmente pela agroindústria; do justo valor a ser pago considerando a tabela de custo de produção<sup>90</sup> e do alojamento total nas unidades; da revogação do atual contrato e da revisão do mesmo por ambas as partes, e de forma coletiva.

Quanto à questões ligadas às práticas de responsabilidade da empresa: do pagamento mais próximo após a entrega do lote; na agilidade da entrega das

---

<sup>88</sup> DE JESUS, Edivane. O Sistema de Integração na Produção de Aves no Oeste Catarinense: **Análise sobre o processo de trabalho e a relação contratual entre a empresa Sadia e avicultores**. 2010. 135 f. Dissertação (Serviço Social), Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2010.

<sup>89</sup> ASSOCIAÇÃO DOS AVICULTORES DO SUL DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Pauta de reivindicações elencadas em assembleia geral. Urussanga, 22 de julho de 2013.

<sup>90</sup> A associação não aceita a tabela de custo de produção organizada pela EMBRAPA. E demonstrou que essa é inferior ao real do custo de produção base que é maior do que a calculada pela entidade estadual.

notas; da responsabilidade pela empresa por mortes de animais durante o transporte; da qualidade dos animais entregues na propriedade.

Sobre as relações entre integrado e empresa: da construção de um sistema transparente, onde fique registrado o peso dos animais recebidos no frigorífico; o aferimento das balanças de peso e ração. Podendo ter acesso a essas informações, os produtores e demais interessados. Sobre outras práticas: o estabelecimento do horário fixo para entrega dos animais e ração; do custo do carregamento dos frangos a custo da empresa; do intervalo entre os alojamentos, num entre o período de 10 e 20 dias, para não comprometer as 6 rendas anuais, tendo um final de semana livre.

Sobre penalidades e elementos que afetam a renda dos produtores; que seja revista a tabela de conversão; revisão sobre as penalidades e bonificação sobre calo de pé e demais itens; o acesso à informações sanitárias pelos produtores que comprometam sua segurança. E por último: que a empresa fique responsável no aval diante a instituições financeiras; sobre o controle de assédio moral e práticas de discriminação; do pagamento de uma bonificação correspondente a sábados, domingos e feriados; da elaboração de laudos sobre a condição do trabalho e do ressarcimento de prejuízos causados pela empresa integradora, por elementos estranhos e externos que danifiquem ou causem prejuízo aos avicultores<sup>91</sup>.

E que o prazo de desligamento seja composto, sendo responsabilidade social da empresa garantir tempo para viabilizar outra atividade, a médio e longo prazo. Esse é um fato atenuante, pois muitos dos integrados foram desligados do dia para a noite, após permanência há muito tempo na atividade e sem muita "explicação", por não serem adequados, o que demonstra uma prática seletiva agressiva. Sobretudo o desligamento sem explicação está ligado à tentativa da construção de uma associação ao longo dos últimos 12 anos, aonde a empresa simplesmente praticava uma política de silêncio, atingindo diretamente os "líderes", assim como o seus vizinhos<sup>92</sup>.

Em suma, faz-se aqui uma demarcação importante. O participar ou não da associação, assim como manter uma postura individual frente a empresa perpassar diretamente pelas questões que modificam o grau da relação e trabalho.

---

<sup>91</sup> ASSOCIAÇÃO DOS AVICULTORES DO SUL DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Pauta de reivindicações elencadas em assembléia geral**. Urussanga, 22 de julho de 2013.

<sup>92</sup> Transcrição entrevista, José.

Esses têm os seus atenuantes, todos os pontos levantados pela ata, de certa forma, explicitam a precariedade em que isso ocorre. Por isso mesmo, voltamos à questão da classe em si, pois isso atenua todas as partes que não são o sujeito contrário, o capital. Talvez um relato dirigido em assembleia pública, mobilizado por uma associação em processo de formulação<sup>93</sup> e de caráter coletivo, demonstre claramente o que procuramos colocar no papel até aqui e aponte para os problemas enfrentados por avicultores. Contudo, o importante é atentar o experimentar-se enquanto "consciência" sobre relações de trabalho determinadas historicamente. Quem fala agora e seu Eloir Peron Figueiredo:

Eu sou ex-seminarista e sempre escutei a frase de que o sol nasceu para todos, e, se o sol nasceu pra todos, realmente é pra todos. O País não pode continuar assim, enchendo o bolso de cinco pessoas, seis pessoas, e o resto vivendo na miséria. Esta manifestação nossa vai ser uma luta, vai ser feita com entusiasmo, mas com carinho, com respeito, sem quebra-quebra, porque quem quebra é louco. Nós não queremos quebrar nada, nós queremos continuar trabalhando na propriedade, gerando riqueza e fazendo com que os nossos filhos cresçam, progridam, e que realmente o nosso país seja desenvolvido.

Eu moro na localidade de Santa Bárbara, no Morro Grande, que é um lugar bom para viver. Construí o meu aviário, de 50 metros, em 1997; nós admitimos isso, 50 metros – eu e o meu irmão, que ali está, fomos pioneiros na época –; “bota os 50 metros”, e nem forro não exigiram – não tínhamos conhecimento. “Senhor Eloir, tem que botar forro”; desce tudo para baixo, os caninhos todos fora; “agora, senhor Eloir, tem que trocar a tela”, porque tem a Cidasc. Concordamos com isso, não somos contra, porque afinal de contas é um produto que a gente exporta. Perdemos tudo, não houve uma bonificação por aquilo, não houve um governo que nos ajudasse, não houve ninguém que nos ajudasse. “Senhor Eloir, agora o senhor tem que colocar o níquel<sup>94</sup>, porque é questão de sanidade.” Mas vou procurar uma empresa mais barata; “não, não pode, a empresa é a x.” Aí vem um pacote para cima de nós, Deputado. Depois do níquel vem o comedor automático; mais um dinheirão safado, tudo perdido. “Senhor Eloir, tem que botar 100 metros”; coloquei 100 metros; “agora pode botar mais 50 metros, porque você já tem isso aí<sup>95</sup>”, e botei mais 50 metros. “Senhor Eloir, porque agora a empresa andou, vai crescer...”, e eu de cabeça baixa. Aí surgiu a Tramonto, que realmente aniquilou a nossa vida, tirou a nossa vontade de viver, acabou conosco<sup>96</sup>.

O Sr Eloir expõe suas reivindicações enquanto grupo. Faz referência a protestos no Brasil em 2013, no entanto, não aponta para o erro crasso da mídia,

<sup>93</sup> Luta para se constituir.

<sup>94</sup> Níquel. Sistema de fornecimento de água "automático".

<sup>95</sup> Alojamento deve seguir um tamanho estabelecido pela empresa.

<sup>96</sup> ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PROMOVIDA PELA COMISSÃO DE AGRICULTURA E POLÍTICA RURAL DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA PARA DEBATER OS PROBLEMAS DA AVICULTURA NO ESTADO DE SANTA CATARINA. Nova Veneza, 26 de setembro de 2013.

condenar uma movimentação social a uma simples barbaridade. Demonstra que o país estará em processo de eleição no ano seguinte, entretanto, "adianta" que quem financia e doa dinheiro para a campanha dos candidatos é a empresa que teve permitido o monopólio na região. O monopólio constitui um problema, pois embora, houvesse uma possibilidade anterior de mudar de empresa, com o monopólio não é mais possível. E com isso, adicionou elementos a uma relação que já não vinha muito boa no processo de constante exigência em que todo o setor se viu após a dinâmica da reestruturação e a participação deste setor econômico, no mercado internacional. Sobretudo o senhor Eloir expõe a insustentabilidade da tecnificação constante exigida, investimentos altos em infraestrutura e um valor de custo pago inferior ao custo de produção. Para concluir, reafirmar a conduta agroindustrial nos últimos 20 anos que dificultou em muito a permanência na atividade e na condição de vida dos produtores integrados.

Para composição do trabalho empírico, procuramos conversar com avicultores, escutar a suas versões dos fatos. Porém, como afirma Paul Thompson: "Se as fontes orais podem de fato transmitir informação "fidedigna", tratá-las simplesmente "como um documento a mais", é ignorar o valor extraordinário que possuem como testemunho subjetivo, falado"<sup>97</sup>. Um sujeito, conhece muito bem sua atividade, reflete sobre a mesma, se posiciona, e quando diante a um pesquisador mantém certa postura, porque o próprio entrevistado exerce uma função social<sup>98</sup>. Entretanto, durante a entrevista, a subjetividade realmente fala e tem todo um sentido. Sobretudo, quando percebe-se algo mais em relação à determinadas perguntas, verifica-se a partir daí, a presença de sentimentos como: irritação, descontentamento, abatimento e cansaço. Embora exista a esperança, na ideia de que as coisas podem mudar para melhor. Todavia, a esperança como ideia não muda a situação, a ação coletiva sim.

Um murro na mesa, quando perguntamos sobre a situação em comparação aos últimos 30 anos, se mostra muito significativo, como respirar mais profundamente quando indagado sobre a crise anterior. O trabalho de história oral, neste sentido, não pode ser uma fonte unicamente de extração de dados e não é esse o sentido que buscou-se na coleta de evidências. Contudo, consideramos a

---

<sup>97</sup> THOMPSON, Paul; OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. **A voz do passado: história oral**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p.138.

<sup>98</sup> THOMPSON; OLIVEIRA, op. cit.

ambiguidade do sujeito humano, da mesma forma como visões de mundo não são homogêneas, os fatos também são contraditórios, assim como as narrativas sobre esses fatos<sup>99</sup>.

Edward Thompson, dirigindo aguda crítica contra Althusser, afirma que: o conhecimento não é unicamente produzido dentro da academia! É produzido a todo momento, através de movimentos sociais e, muitas vezes, essa práxis militante a qual Thompson tem toda qualidade de dispor. É capaz de mostrar para um pesquisador o quanto a pedra que se encontra no caminho não é um problema teórico e sim toda uma questão social. Colocar a realidade dentro de uma gaveta e esperar que o seu objeto adote a postura de sujeito abstrato, ou seja, a classe como uma estrutura e não como "sujeito" da sua história. É o maior erro que se pode cometer.

### 3.2 SEIS LOTES POR ANO. DO TRABALHO À INSTABILIDADE DO SETOR. DA CONTINUIDADE DO CONFLITO ÀS FORMAS RESISTÊNCIAS.

A narrativa textual é composta por entrevistas realizadas com seis avicultores. Preferimos, em acordo com as pessoas, utilizar suas entrevistas, mas seus nomes permanecerão anônimos através de pseudônimos. Até agora, se ligou à palavra produtor, integrado e avicultor a uma coletividade, neste sentido, faz-se o trabalho contrário. Estamos falando de indivíduos que compõem essa mesma coletividade, no entanto, com suas trajetórias particulares de trabalho. Enfim, a partir de agora, busca-se compor o trabalho através da vida de homens reais, embora não deva parecer para o leitor, para quem escreve e organiza o texto suas expressões e personalidade permanecem vivas dentro da análise. São esses os elementos que procuramos articular, tendo como objeto a relação de trabalho e dessa para com a cultura e a classe.

Para problematizar a atividade e seus nuances, propomos a seguinte forma: Primeiramente, como ela se mostra e, logo após num segundo momento, busca-se expandir as situações sem generalizar. Entre os seis produtores entrevistados, a capacidade de alojamento é variável, assim como o número de unidades, entre uma a três. Em número, representa uma quantidade total de 16 mil a 37 mil frangos. Das seis pessoas, cinco são associados da organização coletiva e

---

<sup>99</sup> THOMPSON; OLIVEIRA, op. cit.

três têm acompanhado com proximidade reuniões e demais mobilizações<sup>100</sup>. Essas informações podem ser relativas, parte do momento transcorrido do início da pesquisa até a defesa.

Pode-se resumir a integração e o ciclo da criação de animais da seguinte forma: o produtor integrado recebe os pintinhos e a ração da empresa. A partir daí, começa o trabalho que consiste em "cuidar" dos animais, fornecendo água e ração e proporcionando condições para que os animais desenvolvam suas características e ganhem peso, chegando à fase adulta ou adequada para o abate, ligada às "necessidade" do mercado. Existem níveis diversos de tecnologia, porém, em todas as propriedades a água e ração são partes mecanizadas. Demais elementos tecnológicos diferem assim com as estruturas de alojamento. Transcorrido o período no final do ciclo, entre 40-45 dias, o produtor entrega os frangos com cerca de 3 quilos à empresa e fica "parado" trabalhando na estrutura, fazendo a limpeza e a higienização, etc. O período de intervalo não pode exceder vinte dias, senão compromete o desenrolar das seis rendas por ano. Após a entrega dos animais, o produtor recebe a "nota" final, contento os valores obtidos com o lote, também nela, são explicitados tanto as penalidades quanto as bonificações.

Para problematizar as características da relação e suas demais práticas, precisamos demonstrar um pouco o trabalho, o dia-a-dia das pessoas. Esse será o objetivo da narrativa a seguir. Também procuramos demonstrar como a indústria e a atividade modificam a dinâmica do trabalho no meio rural, da mesma forma a interação das pessoas entre si. O avicultor torna-se um "trabalhador" que aprendeu a lidar com uma atividade industrial, dentro de coordenadas técnicas, de manejo e controle, nisto, conhece o saber fazer. A eventual ruptura da atividade, rompe o laço entre uma especialização e dispersa um horizonte de possibilidades. Os produtores se constituíram em identificação a uma "profissão", valores sobre si mesmos e sobre a sua atividade, estão presentes na memória e na subjetividade. São, por esse motivo, relativos, assim como o pensar sobre fatos passados é a partir do presente, constrói-se significados a partir das representações e valores do presente sobre o passado, no espaço da interação das forças sociais.

A seguir, alarga-se questões fixadas no estabelecimento de um contrato, entretanto, muitas das práticas comuns dentro da atividade não estão implícitas no

---

<sup>100</sup> ASSOCIAÇÃO DOS AVICULTORES DO SUL DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Cronologia principais atividades 2013 e 2014**. Lauro Muller, de Setembro de 2013.

mesmo. Se são de fato decorrentes dos interesses da empresa impostos aos produtores "[...] A existência de um contrato assinado não significa que a relação se mantenha dentro de uma legalidade estrita"<sup>101</sup>. Em outras palavras, quais elementos dentro do contrato são juridicamente fixados e quais práticas "existem" sem o apoio legal, justificada e entendida pelos produtores dentro de tradições peculiares existentes dentro do meio rural em Nova Veneza? Como é visto o contrato a partir dessas coordenadas? Dentro de espaço, o que se torna justo e o que é impraticável? Por exemplo, se a questão é a práxis "[...] a gente discute isso aí, eles não admitem cara, então eles viram as costas, a gente faz do sistema da gente. O lote tá bom. Os caras que fizeram isso quase morrem<sup>102</sup> porque tem que ficar batendo no comedor"<sup>103</sup>. Na passagem fica clara a cisão entre o que realmente se faz e o que deve ser feito, ou seja, entre teoria e prática. Assim, existem as diferentes estratégias e formas de resistência, presentes na lacuna em que o produtor joga contra formas de submissão embora restrito a certos pontos<sup>104</sup>. O conflito depende do contexto em que se vive, pode bem ser o desvio de razão expresso abertamente, ou a venda de um animal no mercado paralelo, como nos relatam os criadores de suínos, nas entrevistas realizadas por Maria Ignez Paulilo. No caso da integração de aves, uma das pessoas com quem conversamos nos relatou a forma com que conseguiu fazer a empresa lhe enviar ração quando seus animais ficaram sem alimentação<sup>105</sup>. Neste sentido, como identificado por Maria Ignez Paulilo, os "integrados" atuam explorando os limites de sua "condição".

Não tivemos acesso às áreas do aviário, por medidas que dentro do seu quadro são normativas cabíveis de entendimento. Afinal, o ambiente asséptico em que são criados os animais, a presença de organismos estranhos poderia provocar a contaminação do lote. Por esse motivo, preferimos o ambiente da casa, entretanto, as entrevistas como primeiramente estipuladas não foram somente realizadas com homens. Considerando a característica rural em Nova Veneza, a hipótese era de

---

<sup>101</sup> PAULILO, op. cit., p.130.

<sup>102</sup> Por ser uma exigência um trabalho exaustivo.

<sup>103</sup> Transcrição entrevista, Pedro. O produtor narra uma das formas de manejo que deveria ser adotada sob orientação técnica, para a melhoria do desempenho do lote, e, conseqüentemente, melhores ganhos para a empresa. Porém, além de ser um eventual aumento no trabalho, a prática é ineficiente segundo seu diagnóstico. Exorcizando o *status* do trabalho na sociedade capitalista, neste sentido, trabalhar mais não significa ganhar mais, por isso, é dentro da reflexão do produtor, perder tempo. Contudo, outro elemento deve ser destacado, o tempo do fato narrado não pode ser nitidamente demarcado. A resposta a isso, é nos últimos anos.

<sup>104</sup> PAULILO, op. cit.

<sup>105</sup> Transcrição entrevista, Paulo.

que quem responderia pela família seria "naturalmente" o homem da casa. E mais, sobre a não entrada no ambiente dos aviários, descortina o que atualmente vem ocorrendo. Embora não havia interesse algum nisso, a desconfiança era a de que se acaso surgisse algum técnico a nossa simples presença dentro do ambiente cercado poderia ser "contabilizada". Caso acontecesse isso, o técnico deveria relatar na guia de inspeção<sup>106</sup> que se por ventura acontecesse algum problema no lote, a presença do não autorizado poderia causar "prejuízo" aos produtores. Pode-se afirmar com larga clareza e citando relato que, atualmente a unidade do produtor vive todo o tempo de auditoria (sob vigilância)<sup>107</sup>.

O cálculo está presente e faz parte da racionalidade<sup>108</sup>, cristalizada no meio rural, do "ramo" da criação de aves e é um elemento presente e estruturante da realidade encontrada, assim como o "saber", o "conhecimento sobre". Captura-se esses diferentes significados, através de uma linguagem técnica composta por elementos econômicos, não é poética nem filosófica, no entanto, é isso como a realidade realmente é. Seguem algumas palavras colhida durante as 5 horas de entrevistas. Não descrevem todo o desenrolar da atividade, mas fornecem as chaves para adentrar nas relações estabelecidas com a empresa e desta para com o desenrolar do trabalho. São as seguintes: percentual, curva, prisão, custo, produção, valor, renda, desconto, instala, aloja, não aloja, normal, mercado, exigência, padrão. Melhora, cuida, obedece, discorda, cumpre, apreende, ensina. Aquece, olha, avisa, trabalha, acorda, temperatura, não descuida, culpado, madrugada, frio, quente, trovoadas, medicamento, água. Ração, pintinho, manejo, lote, frango, peso, carne, cabeça, calo de pé, carcaça, lenha, ventilador, exaustor, equipamento, mecanismo, falha, culpa, acréscimo, desconto, pressão e exigência. E três frases: a empresa pede exigindo; se não fizer não aloja; é assim que funciona. Demonstrar com isso tudo funciona a partir de agora é tarefa nossa.

Ajusta-se novamente a linguagem, o recorte recomeça de maneira transversal. Quando perguntamos sobre as modificações que a atividade experimentou nos últimos trinta anos. O senhor Pedro distingue o momento em que

---

<sup>106</sup> O nome correto disto não interessa. Muito menos a lógica técnica por de trás dos procedimentos.

<sup>107</sup> Transcrição entrevista, Pedro.

<sup>108</sup> Mas, o cálculo como informa Maria Ignez Paulilo não é um cálculo sobre a mesma racionalidade capitalista. Renda, valor e lucro são descritos dentro de coordenada mais ampla. Um "empate" durante um momento difícil não é descrito como um prejuízo, mas como parte que pode assumir no cálculo total, lucro ou ganho. Porque afinal se manteve algo ou conquistou algo. Isso é claro, entre quem permaneceu na atividade.



era mais "simples" trabalhar com a avicultura, não precisava muito investimento, por esse motivo as "preocupações" eram menores, conclui afirmando que por isso se ganhava mais. O frango era criado em um ambiente que não tinha nem "forro" e o aquecimento era feito a base de gás. Não existia, por esse motivo, fornalhas a serem constantemente alimentadas durante o período de inverno. Segundo suas indicações, se ganhava muito mais, ou seja, mantinha-se um mesmo patamar que era contínuo, embora não fosse bom. Mas, era porque não era necessário investimento. Descrevendo o período passado, percebe-se vários elementos em que a criação de animais modificou-se constantemente a partir de progressivos pacotes tecnológicos. Todavia, o produtor volta a uma questão mais recente. Qual procedimento adotar durante o aparecimento de doença no "seu" lote. Entretanto, quando faz isso, um aspecto importante aparece.

É uma criança cara, não é animal, [...] é um ser vivo. Um ser humano. E assim, hoje em dia, se o frango fica doente, para dar um antibiótico tem que ser muito bem autorizado. Não é necessário, eles querem saber o porquê que tem que dar o antibiótico. O que tu fez de errado [...]. Teu frango pego diarreia porque? Tu deixou a água esquentar não é! Perto da fornalha, [...] Tem que troca aquela água todo dia. Eles sabe que foi isso na verdade no fim é quase certo (o produtor não tem como ir contra o diagnóstico da empresa)<sup>109</sup>. Só que antes a gente não fazia isso. Então eles vem aqui primeiro, eles te cago na cabeça, depois eles vão medica<sup>110</sup>(irritação)

Em contraposição a outros tempos, algumas práticas são relativamente novas: o aquecimento, controle da temperatura e procedência da água. No entanto, embora o problema seja técnico, a maneira como é diagnosticado demonstra o meio em que se desenrola o trabalho e a relação com a empresa. Ou seja, não interessa se o produtor fez alguma coisa errada realmente que prejudicou o "seu" lote. A primeira parte a ser questionada é a conduta do produtor. O trabalho e o manejo são sua responsabilidade, nisto somente é reafirmado a assimetria da relação. Como se somente o zelo com os animais importasse. Não há mais a "camaradagem", e sim a imposição direta e, nisso os técnicos fazem cumprir diretamente as regras do capital. Não estamos negando que não exista a "camaradagem"<sup>111</sup>, mas que essa, durante o

<sup>109</sup> Comentário nosso.

<sup>110</sup> Transcrição entrevista, Pedro.

<sup>111</sup> A solidariedade com outras pessoas envolvidas na atividade, como os motoristas que entregam ração e carregam os animais também deve ser mencionada. Um dos produtores comenta sobre esses trabalhadores em suas condições próximas diante a empresa. Como prestações a pagarem e quando surge algum problema, como o tombamento de um carregamento, devem arcar com o "prejuízo".

momento das entrevistas, não se mantém. Mencionamos essa característica, porque como afirma Maria Ignez Paulilo, os técnicos são, na década de 80 pessoas da região. Os "desvios" poderiam ser tolerados pela empresa quanto pelos técnicos que não se importavam em dar uma "mãozinha" para os integrados<sup>112</sup>. Entretanto, como reafirmado anteriormente, esse espaço é a lacuna aonde se joga e se explora a relação de trabalho. Por isso, deve ser entendida dentro desse quadro. Importa para o fato de não ser melhor no passado, mas diferente nesse momento, a integração como prática não é justa, por sua "natureza" capitalista, nem hoje e muito menos em outro momento.

Quando perguntamos sobre o início na atividade para o mesmo indivíduo, foi relatado que: Na época, há 30 anos atrás, era bem rentável e como a família era maior, havia a possibilidade de que um dos indivíduos se dedicasse de maneira integral durante o tempo exigido. Os demais membros poderiam se dedicar a outras atividades. Assim, todas as atividades compunham a renda da família, ou seja, o "monte todo", composto pela soma das diferentes atividades e culturas. No entanto, aos poucos, outras atividades foram progressivamente abandonadas, entre elas o cultivo do milho e do fumo. O cultivo do milho é importante de ser mencionado, porque é utilizado, hoje em dia, para a alimentação das vacas de leite e não para a composição da ração. Todavia, para o agricultor, a avicultura passa a ser direcionada como principal fonte de renda. Hoje em dia, porém, na propriedade resiste a prática da bovinocultura leiteira, "serviço" da mulher<sup>113</sup>. Sobre os benefícios apresentados:

Dá um rendimento maior, maior do que se fosse agricultura. Se fosse Roça, potreiro né. No início dava, no início vou te fala. Nos vivia em cinco pessoas com um aviário de 100 metros. Fazia dinheiro cara que se tu facilitava dava para comprar quase um caro zero quilômetro com um lote de frango. Isso em 1981.[...] Começamos trabalha mas e daí ficamos engatado [...] começo a decaí. Assim, eu não sei o porquê. Diziam que o milho era muito caro, o dólar não sei o que. Nos tinha colocado se nós parava nosso investimento que nós tínhamos feito nós perderíamos tudo. Por isso, estamos aqui até hoje<sup>114</sup>.

---

<sup>112</sup> PAULILO, op. cit.

<sup>113</sup> Sobre mais precisamente essa atividade consultar o estudo de Paulilo sobre a divisão do trabalho e a atividade leiteira ligada a divisão de gênero. Para maiores informações consultar: PAULILO, Maria Ignez Silveira, DE GRANDI, Alessandra Bueno e SILVA, Marineide Maria. Mulher e atividade leiteira: a dupla face da exclusão. In: PAULILO, Maria Ignez Silveira e SCHMIDT, Wilson (orgs) **Agricultura e espaço rural em Santa Catarina**. Editora da UFSC: Florianópolis, 2003.

<sup>114</sup> Transcrição entrevista, Pedro.

Segundo relato, em 1980, um lote dava para comprar um carro, em comparação, hoje para conseguir o mesmo valor são necessários cinco aviários juntos<sup>115</sup>. Questão evidente é o fato da menção para um trabalho mais leve, e mais seguro, se comprado a outras atividades. Nos relatos da senhora Antônia, isso fica claro quando ela descreve a atividade, como coberta. Em outras palavras, eventuais problemas climáticos não afetam diretamente a atividade, como, por exemplo, o granizo que poderia destruir uma lavoura em questão de minutos, como a de fumo. Assim como uma seca pode afetar diretamente as lavouras de ciclo curto<sup>116</sup>.

Sobre o comportando e "benefícios", contrasta o eventual decréscimo da policultura em relação à diminuição no número das famílias e a participação do casal na atividade. Os filhos mais velhos estão fora, exercendo uma atividade na cidade ou estudando, embora residam na casa dos pais. Em conclusão, tanto a tecnificação das unidades e o pouco trabalho despedido, juntamente com a forma da mão de obra e a renda, pode explicar a permanência, mas não deve ser entendida como única via. Entretanto, para as pessoas que estão a mais tempo na atividade, esses são elementos fortes para explicar a continuidade.

Todo o trabalho é realizado pelo casal ou dentro das coordenadas familiares, obtém-se a ajuda de um genro, assim como do neto ou de um filho mais novo. A construção por parte dos produtores de que a pequena propriedade esteja disposta a essa tarefa, a avicultura como uma saída rentável para a manutenção da sua existência, é passível de resignificação. Contrapondo uma das entrevistas<sup>117</sup>, a propriedade contava com cerca de 4 hectares, a avicultura ocupava pouco espaço e, por esse motivo, era uma alternativa em relação às demais atividades<sup>118</sup>. Além disso, não se pode praticar a cultura do arroz irrigado por motivos da configuração do terreno<sup>119</sup>. Assim, conclui-se que a atividade a qual os produtores participam, recebe característica que são solidificadas mediante momentos socialmente determinados, já que a reprodução da condição material é social. O sentido não é fixo, resignifica-se conforme o olhar do presente para o passado, por valores e

<sup>115</sup> Nas entrevistas esse parece um direcionamento futuro da atividade, embora virtualmente. Ou seja, para a empresa é mais fácil manter um núcleo de cinco aviários do que trabalhar com aviários isolados.

<sup>116</sup> Transcrição entrevista, Antônia.

<sup>117</sup> Transcrição entrevista, Luiz.

<sup>118</sup> Para a desconstrução dessa representação, mas sobre a produção de fumo. PAULILO; SCHIMIDT, op. cit.

<sup>119</sup> Como informado no capítulo 1. A rizicultura é praticada em maior número considerável de propriedades.

normas que o representam a partir daquele momento. Contudo, são experiências socialmente determinadas em relação a algo, não sobre a atividade em si, mas contrasta com os interesses de classe, contra a hegemonia, se alimenta e opõem-se da mesma forma. Sobre a ambígua oposição entre produtores e agroindústria ou em outros momentos sobre o agricultor e dono da casa comercial. Maria Ignez Paulilo demonstra que do momento da introdução do sistema de produção integrado, houve um reordenamento da realidade e não uma ruptura abrupta com o modelo anterior<sup>120</sup>.

Embora esses benefícios destacados tenham um peso significativo, não podem passar sem análise crítica. Um dos fatores atenuados por essa dinâmica, é que submetem o produtor às regras da agroindústria é a não disponibilidade de alternativas a curto e médio prazo<sup>121</sup>. Também é jogar o trabalho de uma vida fora, investimentos foram realizados dentro da propriedade na estrutura, parar com a atividade significa perder todo o capital investido, além de perder a própria "profissão". Esses são os bens materiais que a família consegue, trabalhando e fazendo economias, direcionando para a atividade muitas vezes valores advindos de outras atividades. Fechar as portas do aviário é abandonar o trabalho de uma vida<sup>122</sup>. Por esse motivo, como relatado nos últimos tempos, trabalharam no vermelho esperando melhorias. Isto também explica, em partes, porque muitas pessoas permanecem na atividade<sup>123</sup>. Quando perguntamos se já pensou em desistir da atividade, o senhor José afirma que:

Mas não terno de abandona não! Agora eu penso o seguinte, na hora que eu não tiver mais, não vai ter ninguém pra me substitui com certeza. Isso é o grande mal da avicultura e que como diz aquele, tá ficando velha, daqui a pouco a pouco não vai ter gente para substitui. Porque se fosse a dez anos atrás, quinze anos atrás, eu tinha meu aviário em arruma um caseiro pra toca o aviário, arrumava a hora que quisesse<sup>124</sup>.

Além da falta de pessoas dispostas a trabalharem, outra característica acaba surgindo no relato acima. Se for a relação de trabalho, existem produtores que contratam trabalhadores assalariados e situações de relações estabelecidas

---

<sup>120</sup> PAULILO, op. cit.

<sup>121</sup> Embora resista a diversificação das atividades, conforme configuração e disponibilidade da propriedade.

<sup>122</sup> Isso tem relação com a média de idade dos avicultores, próximo a 45 anos.

<sup>123</sup> Segundo relato de integrante a associação, em muitos casos proprietários tiveram suas propriedades e demais bens penhorados para quitar os financiamentos com os bancos, contraídos pela "exigência" de investimento. Entrevista representante associação, Lúcia Cimolin.

<sup>124</sup> Transcrição entrevista, José.

entre pessoas que trabalham para o proprietário do aviário, o chamado "caseiro" ou "arrendatário"<sup>125</sup>. Entretanto, como demonstra o produtor, na medida em que existem possibilidades "melhores", essa prática tem-se esgotado.

Fizemos a seguinte pergunta então, porque a situação ficou tão difícil? Na forma que a entrevista foi conduzida, Pedro faz um comparativo e nos relata algo interessante. No início dos anos 80, o primeiro lote foi para o frigorífico, pesando cerca de 2 kg, com sessenta dias de vida. Hoje, esse peso é obtido em cerca de 20 dias se tudo correr bem, ou seja, se os animais e a ração estiverem de acordo. Na metade da descrição o senhor Pedro volta-se para o problema da "crise". Segundo relato, a Agrovêneto fez com que os produtores investissem primeiro e depois haveria a compensação pelos investimentos. Para o avicultor, a empresa "errou" na composição da raça eficiente de frango e na composição da ração, como resultado, acabou com problemas financeiros. Não disponibilizou ração eficiente e animais de qualidade, entretanto, exigiu<sup>126</sup> investimentos para atender às necessidades do "tipo" de animal. Durante a última crise, além de sofrerem por conta do valor, houve problemas no fornecimento de ração para os animais<sup>127</sup>, em decorrência, prejuízos.

Voltando para o contrato, a ferramenta abstrata, que deveria regular a relação, tento em vista o interesse das duas partes. Luiz nos esclarece o funcionamento e suas coordenadas. O proprietário era jovem quando o seu pai instalou o aviário, entretanto quando jovem foi trabalhador e mais tarde empresário na cidade. Retornou para a atividade para dar continuidade ao ramo de seu pai e a propriedade da família. Sobre o contrato nos é informado:

[...] não sei, eu falei na outra vez, exatamente o contrato é feito somente para que todos os produtores que alojarem os pintinho deles e pegarem deles é obrigado devolver o próprio produto para eles. Então, se eu peguei o pintinho e o frango deles eu sô automaticamente obrigado a entregar para eles. Porque o produto é deles não é meu. [...] nos somos terceirizado né. [...] Porque eu só pago no fim do lote, o custo é todo deles, eu simplesmente

<sup>125</sup> Os termos pode ser aplicados de forma pejorativa. Pois entre os descendentes de italianos e alemães, há demarcação forte entre esse, principalmente destes para com os "brasileiros". O caseiro é sempre na visão das etnias mencionadas "brasileiro".

<sup>126</sup> Transcrição entrevista, Maria. Segundo relato na época da empresa eram realizados encontros em que procurava-se demonstrar que se investisse em tecnologia, o produtor conseguiria melhores resultados. Embora para essa família a avicultura fosse uma atividade nova, no relato, contrapondo o aparato de propaganda montado pela empresa, a informante estabelece que o trabalho no aviário e os lotes entregues demonstravam que não é a tecnologia responsável por bons resultados.

<sup>127</sup> No entanto, o trato com a empresa foi pagar a média que o produtor vinha fazendo. Confrontando com dados presentes nas outras entrevistas se chega próximo a 20 a 30 centavos, ou seja, insuficiente para cobrir os custos de produção. Transcrição entrevista, Marcos.

terceirizo, eu só cuido, [...] o galpão e as coisas dentro na propriedade é do proprietário, mas a ração e o frango e deles<sup>128</sup>.

Em suma, o contrato informa que os insumos são da empresa, mas não somente isso. A empresa coloca o animal e os insumos na propriedade que, afinal, são descontados do produtor no final do lote. Também gastos com aquecimento e energia são de responsabilidade do produtor, assim como o carregamento dos animais. A empresa contrata um grupo, mas o valor é pago pelos produtores. Essas práticas não estão estabelecidos no contrato que tivemos acesso e que remete aos últimos 15 anos. Sobre a mesma citação, deixamos claro que terceirizar é transformar o proprietário em um tipo de trabalhador sem vínculo trabalhista com a empresa. Além de não ter responsabilidade trabalhista com os avicultores, o sistema constitui em um problema social, porque nega os direitos trabalhistas a partir do momento em que se utiliza do trabalho organizado dentro da lógica dos minifúndios. Se o contrato é engessado e muito dele já foi discutido, direcionamos o foco para outro lugar, o trabalho, no desenrolar dos dias. Essa questão é melhor esclarecida na seguinte passagem:

Tem que fazer o que eles mandam, feito laboratório, tudo certinho. Para dar certo, ele fazem o pinto e a ração [...] A gente entra com o aquecimento, entremos com a ambiência deles né [...] (Se não dar certo?)<sup>129</sup> Aí eles dizem que é o produtor e o produtor diz que quando não dá certo, quando que não dá certo, joga a culpa que o pinto é ruim, que a ração é ruim, e eles dizem assim: teu manejo que não é bom. Tu não tem (tal item)<sup>130</sup> [...] tuas cortina tão tudo rasgada, teu aquecimento não tá bom [...] Os canos tão todos furado, problema de aquecimento, lá boto trinta grau, aqui tu boto 20, é eles. A gente vai assim né. Só que muitas vezes não fecha, muitas vezes nós só perdemos. Muita vezes eles, eles compensam<sup>131</sup>.

Embora limitado, existe um diálogo entre empresa e produtor, pois afinal de contas existe proximidade de interesse não meramente econômico. O consenso a que Maria Ignez Paulilo<sup>132</sup> se refere é também sobre o compartilhamento de visões de mundo entre produtores tradicionais de suínos quanto para o "frigorífico".

Voltando à citação anterior, no final percebemos um item "muitas vezes nós só perdemos. Muitas vezes eles, compensam". Embora essa compensação através das informações obtidas seja forma de "açucarar" a relação, ela existe. Quando perguntado como funciona isso, foi-nos informado que se o produtor

<sup>128</sup> Transcrição entrevista, Luiz.

<sup>129</sup> Comentário nosso.

<sup>130</sup> Grifo nosso.

<sup>131</sup> Transcrição entrevista, Pedro.

<sup>132</sup> PAULILO, op. cit.

dispuser de tempo e paciência. Pegar tudo o que for possível, a documentação emitida pela empresa que comprova que o manejo estava correto e que a "tua" ração estava dentro do padrão, talvez consiga algum reembolso, no entanto, é muita burocracia para pouco resultado<sup>133</sup>. A respeito da primeira passagem, consideramos o desenvolvimento da atividade, a unidade de produção se transformou em um tipo laboratório. Temperatura e ambiente são controlados, para isso são necessários os investimento e tempo de trabalho para atender às normas.

Mas, se o investimento e a tecnologia sem as mãos de quem trabalha não é nada demais, qual o estatuto do trabalho para os avicultores? O senhor Pedro, assim como todos, concordam na valorização de seu trabalho, enquanto articulador entre insumos e dados técnicos. Sabe-se os mínimos detalhes da atividade e, nesse sentido, tem-se uma das primeiras formas de resistência, no ponto que seria mais agudo "eles querem te ensinar mas no fundo tu diz assim, não! [...] mas tu vai lá chegar perto, farei mais o menos parecido e dá resultado cara, dá resultado, né"<sup>134</sup>. Igualmente, o produtor relata algo interessante, embora o animal seja de laboratório, seguir todas as exigências do manejo, como a empresa manda e como os técnicos insistem, é simplesmente impraticável "Mas, eles têm que olhar o que precisava. O que envolve para esse frango crescer, para esse frango se dá bem, pra esse frango ficá doente. E aonde, nós temo que entrar com a nossa mão de obra, com nosso conhecimento<sup>135</sup>. Por esse motivo, é possível alargar uma das questões sobre o trabalho, a partir da fala de Pedro. O animal exige, por conta de sua característica atual, intensa vigilância, ou seja, aumento de trabalho, em contraposição à visão "natural" de menor esforço, representa mais cuidados e disponibilidade de tempo. Mas, quais outros elementos nessa ordem foram atenuados durante o desenrolar da introdução e "desenvolvimento" da atividade na região?

Embora o avicultor saiba o que é "dar certo" para obter uma renda suficiente para valer o "sacrifício". O "dar certo", não depende unicamente dos produtores. Fatores como ração e outras situações, influenciam diretamente no desempenho do lote e, por esse motivo, responsabilidade da empresa. Se for essa a condição básica, o resultado é bom para todo mundo se os insumos são os mesmos? O que garante afinal um bom resultado? Como constatado pelas

---

<sup>133</sup> Transcrição entrevista, Pedro.

<sup>134</sup> Transcrição entrevista, Pedro.

<sup>135</sup> Transcrição entrevista, Pedro.

reivindicações da associação, não existem relações transparentes entre pontos críticos como a ração, o peso e outros elementos, base do cálculo das taxas de ganho. A tabela de conversão é obscura e foi definida pela empresa sem considerar as condições climáticas, e outros elementos variáveis. Além disso, caso venha a surgir algum problema dentro do "seu lote", o produtor deve comunicar a empresa, essa vai verificar o manejo e demais itens de uma lista. A ração vai para análise, entretanto, se o produtor pegar a ração e levar para outro laboratório, a empresa não considerada a análise, contudo, fica difícil para o produtor manifestar-se contra as normas. Perguntamos para José se isso era recente. A resposta caminha na direção de que nos últimos tempos, a partir da década de 90, foram-se intensificando gradativamente ao lado da transformação da atividade. Mas sobre o contrato, o avicultor afirma o óbvio.

Não isso aí tem mudado muito né ..[...] avicultura passo, várias fases você pode ver depende a situação. Dentro da avicultura tudo o produtor é responsável não adiante ter contrato ou não ter, porque hora que tu viu com pintinho bom ou ração boa é uma coisa. Quando surge um problema lá de mercado que vai sobrar sempre pro produtor não adianta, contrato é bobagem, na verdade, é bobagem porque quando tiver bom o mercado tá bom pro produtor, está bom para empresa, tá bom pra tudo. Mas, quando a coisa fica ruim lá o primeiro a sofrer é o produtor, isso não tem dúvida. Assim como nós passamos uma crise a um ano e meio dois anos atrás como aquela [...] Diziam que não tinha milho, na verdade as empresas estavam quebrada<sup>136</sup>.

A instabilidade a que o produtor está condicionado não é algo recente. Na pesquisa de Maria Ignez Paulilo<sup>137</sup> quando o sistema integrado começava a ganhar forma no Extremo Sul Catarinense, na suinocultura. A autora demonstra que, embora houvessem crises, havia interesse em permanecer no sistema. Para os produtores, embora ruim com a empresa, principalmente na questão do valor pago, pior sem ela. Considerando a instabilidade a que os produtores estão sujeitos no "mercado" e demais fatores transformados pela modernização da agricultura. Entre algumas delas a vantagem que a integração representava para os integrados em relação aos produtores não integrados, no mercado. Da mesma forma, receber ração em casa, medicamentos e demais insumos sem ter que sair da propriedade era uma comodidade positiva. Contudo, verifica-se que essas vantagens, à princípio simplesmente desapareceram com a especialização do trabalho na avicultura.

<sup>136</sup> Transcrição entrevista, José.

<sup>137</sup> PAULILO, op. cit.



Embora o produtor participe do "mercado", não participa de um mercado no sentido liberal do termo; é a empresa quem participa. Em outras palavras, nesta configuração verifica-se que o contrato impossibilita dois pontos fundamentais: o acesso do produtor a "bens de produção", já que são fornecidos diretamente pela empresa; na venda do produto final como visto, não pode ser vendida a um terceiro. No caso dos insumos, segundo questionamento dirigido aos avicultores, contrariamente à década de 80, os insumos são "alheios" aos produtores.

Insistiu-se novamente sobre o contrato, para José, quando perguntado sobre modificação de suas cláusulas durante o últimos 25 anos, a resposta foi a seguinte: Se não quiser continuar, não assina. Em outras palavras é pegar ou largar, se você quiser continuar deve "assinar" sabendo que a chave fica na sua mão<sup>138</sup>. Ou seja, o produtor tem nas mãos a chave, conhece os mecanismos da integração e o funcionamento, no entanto, mantém-se como integrado. A "empresa", segundo relato, criou o contrato a partir dos seus interesses,<sup>139</sup> não está nem aí para o produtor<sup>140</sup>. Nisso temos a prática assimétrica de poder em paralelo a mecanismos de subsunção. Mas, quais seriam as outras chaves? Uma delas é o alojamento. Foi relatado que existia um vizinho com "problemas" no aviário e que a empresa interrompeu o alojamento durante seis meses, enquanto não fizesse os ajustes, ou melhor os investimentos<sup>141</sup>.

Com todo efeito, o investimento além de engatar o produtor a uma dívida<sup>142</sup> relativiza a submissão que é reiterada. Tem-se assim uma situação agressiva e que induz medo e insegurança, pois afinal, se não mais alojar, há o comprometimento da renda e a perda da profissão. Não contraditoriamente, a integração agora não esconde a forma de assalariamento sobre a forma de trabalho livre, o que faz realmente é delegar a função a "terceiros" e destes remove o vínculo

---

<sup>138</sup> Transcrição entrevista, José.

<sup>139</sup> Independente do relato a empresa é vista ou descrita sempre nas mesmas coordenadas, assim nos lembra José "No início, era a Agroeliane, daí pra frente mundo um monte de empresa né. Da Agroeliane foi pra Ceval, Ceval para a Seara, da Seara para Cargill, da Cargill foi Marfrig, aí veio e fui para Agrovêneto, agora hoje, só existe uma que é a JBS".

<sup>140</sup> No entanto, não pode-se generalizar toda a situação, relembramos que o passado é resignificado a partir do presente.

<sup>141</sup> Transcrição entrevista, José.

<sup>142</sup> Se a questão for a dívida. Essa na tese de Maria Ignez Paulilo não é vista como algo novo para os agricultores da região. O que ocorre foi a dinâmica levada pela transformação do campo que se tornou mais acentuada. Os agricultores lidavam antes mesmo da agroindústria com relações tipo cliente-patrão nas casas comerciais. Outra questão, a existência de uma dívida que no caso da nossa pesquisa é muito mais uma dívida com o banco, não pode explicar a permanência na atividade, como visto até aqui, ela é uma parte, mas existem outros elementos.

trabalhista com a empresa<sup>143</sup>. O problema é desligar do dia para a noite produtores que tem toda uma infraestrutura montada para um fim e se não utilizada se torna inútil. Como afirma Pedro, o que tem dentro do seu aviário não vale mais que sucata.

Se a questão do contrato fica clara para os produtores quanto para nós, modificamos novamente e direcionamos o foco para o funcionamento da rotina do trabalho, dentro do ciclo.

Ah! A rotina de trabalho no aviário ela é [...] eu sempre digo para o pessoal. Aviário hoje é o seguinte: a pessoa que coloca um aviário, eu faço um comparativo com uma prisão. É uma prisão, tu tens uma prisão com a chave na mão. Tu tens a chave da prisão, mas se tu quiser trabalhar tu não tem mais como sair. É uma prisão enquanto tu tiver frango aqueles 40-45 dias. Tu tens que estar perto porque tu vai trabalhar com coisa viva né [...], qualquer coisa que acontece que tu tiver perto, então é uma prisão. É 24 horas, tu tem que estar presente (soco na mesa)<sup>144</sup>. Não é dito que tu está trabalhando 24 horas, mais tens que estar presente. É uma prisão com a chave na mão. Tens a chave, mais não pode sair. Essa (risos)<sup>145</sup> é a realidade do aviário<sup>146</sup>.

José nos relata algo importante: não se trabalha o tempo todo, mas tem que estar disponível o tempo todo. O frango criado dentro dos aviários é um animal que precisa de um manejo adequado. Nos últimos tempos, em busca de produtividade, ou seja, maior ganho de peso em relação a menor consumo de ração, foi construído um frango diferente dos animais conhecidos como galinha caipira, criados soltos e utilizados para o fornecimento de ovos e carne. E por conta disso, precisa de um "manejo adequado". O controle de temperatura é essencial para que o animal atinja o peso adequado, não pode ter descuido um momento sequer durante o ciclo. O avicultor não pode perder um dia e tem que ficar atento às mudanças climáticas, da mesma maneira ajustar a dinâmica familiar em relação a esse condicionante. As noites passam a serem dormidas, na maioria dos casos, próximo do aviário e não dentro de casa. Acorda-se constantemente para alimentar as fôrnalhas que aquecem os animais a cada duas ou quatro horas. Durante o verão, embora não precise de aquecimento, o calor é o problema. Afinal, segundo os produtores, no frio o frango come para se aquecer e se for muito quente somente

---

<sup>143</sup> ASSOCIAÇÃO DOS AVICULTORES DO SUL DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Pauta de reivindicações elencadas em assembleia geral. Urussanga, 22 de julho de 2013.

<sup>144</sup> Grifo nosso.

<sup>145</sup> Grifo nosso.

<sup>146</sup> Transcrição entrevista, José.

toma água, ou seja, não ganha peso. Volta-se a uma questão durante esse período, quanto de tempo<sup>147</sup> é empregado para a realização da atividade?

No relato a seguir, Maria confirma as informações anteriores e descreve o cotidiano de trabalho:

São tudo em etapas. A partir do momento que tu aloja, tu tem que cuidar deles que nem um bebezinho, tem que estar sempre de olho. Olhando a comida, a água, tu tem que distribuir papelões dentro do aviário, jogar ração no chão pra ele em cima começa a comer. Porque os cinco primeiros dias são o que o teu frango vai render, até o final do lote tu tem que tenta fazer ele comer e tomar água o máximo possível. Conforme o teu tratamento dois primeiros cincos dias, é o que ele vai te dar no resto do lote<sup>148</sup>.

Podemos verificar a dinâmica de trabalho estabelecida a partir desses pontos. Como descrito, são várias as etapas e o período mais crítico é o inicial, o frango aprende a beber água nos bebedouros automáticos, assim como comer a ração. No entanto, são esses cuidados constantes que exigem do produtor as 24 horas de atenção, sobre o pretexto de que se o produtor perder um dia sequer, a sua renda será modificada. Mas afinal, se o problema é não perder um dia, já que o animal é criado em massa, estamos próximos à dinâmica de linhas de produção? Então, sempre foi assim? Quando perguntados sobre as transformações do trabalho dentro da atividade:

Não, antigamente era bem mais pesado, hoje não é pesado. Mais é um serviço contínuo tu tens que estar presente, não tem como tu fugir é [...] tem que ficar aí presente. É temperatura (instável)<sup>149</sup>: é um dia calor; um dia frio; um dia vendaval; um dia trovoada. Tu sabe a diversidade que existe no clima então [...] o frango como ele é (animal)<sup>150</sup> de período muito curto de vida, qualquer (situação)<sup>151</sup> atrapalha [...] nesse meio tempo ali, um dia é muita coisa. Se tu perdeu um dia é bastante complicado<sup>152</sup>.

<sup>147</sup> ASSOCIAÇÃO DOS AVICULTORES DO SUL DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Pauta de reivindicações elencadas em assembléia geral. Urussanga, 22 de julho de 2013. Para a empresa o tipo de integração é extremamente vantajoso por alguns motivos: 1º a empresa com a fragmentação das instalações fica livre de problemas sanitários, que poderia comprometer todo um ciclo se acaso a empresa tivesse que manter todos as instalações concentradas em um único lugar; 2º as instalações são um investimento que a empresa não precisa movimentar de seu capital social; 3º a empresa utiliza de trabalho familiar, se fosse o caso da mesma manter toda a instalação e trabalhadores seria necessário a permanência de três turnos dentro de um período de 24 horas por dia, isso aumentaria muito o custo da mão de obra que deveria então ser regida pelas leis trabalhistas.

<sup>148</sup> Transcrição entrevista, Maria.

<sup>149</sup> Grifo nosso.

<sup>150</sup> Grifo nosso.

<sup>151</sup> Grifo nosso.

<sup>152</sup> Transcrição entrevista, José.

Embora antigamente<sup>153</sup> era mais pesado por não haver linhas automatizadas de ração. O procedimento, na memória de Luiz era o seguinte: colocava-se ração por carrinhos dentro dos comedores, o trabalho era feito a cada dois dias, mas não era um trabalho fácil, ao contrário, era pesado. A modificação é visível no manejo, fundamentalmente na questão de que não era necessário ficar atento à questões mais agudas como a qualidade da água, fornecida naquele momento por equipamentos suspensos, assim como eram os comedores. A atenção é algo que coloca para os produtores uma responsabilidade que perpassa constantemente o dia-a-dia quando existem animais alojados. Essa disponibilidade de tempo e cuidado para manter a temperatura correta e as exigências do manejo, contudo, modifica a dinâmica familiar e dessa em relação ao grupo social da qual participa.

Então, tem que ter geralmente tu não qué que nos fiquemos direto lá dentro do aviário. Mais tu tem que estar sempre por casa, tu não pode fechar tipo assim quando tu tem o frango dentro do aviário. Tu não pode fecha lá e sair fica um dia inteiro fora e voltar de noite. Nós não fizemos isso, tem que ter sempre alguém de olho se nós saímos. O meu filho fica por causa e dá uma olhadinha, vai lá olha a água, olha se ta tudo certinho e a gente instalou também em dois aviário um [...] painel<sup>154</sup>.

Sempre fica uma pessoa de olho e essa olhadinha é muito mais do que pode-se supor, embora pareça um serviço leve é um serviço cansativo, desgastante e que o produtor não ganha a mais por esse zelo e disponibilidade de tempo, nos finais de semana e feriados. Sempre existe uma preocupação constante, além da modificação das atividades familiares que passa a figurar entre os parâmetros da atividade. No entanto, com a constante necessidade de adaptação e a inserção de pacotes<sup>155</sup> de tecnologia, conflitam conhecimento adquirido com a tecnologia, que não representa uma melhoria óbvia na produção, porque isso depende de fatores não unicamente tecnológicos da unidade de produção. Além da "transição das tradições", são fatos a modificação direta na cultura e nas tradições dos agricultores pela especialização do trabalho. Assim, como a dificuldade de atividades recreativas

<sup>153</sup> Novamente, a relação com o tempo se mostra diferente da estabelecida entre historiador e tempo.

<sup>154</sup> Transcrição entrevista, Maria.

<sup>155</sup> Como verificado nas visitas as propriedades existem níveis diferentes de tecnologia e estrutura dos aviários. O manual, o automatizado, e um terceiro com maior grau de automação. O ponto crasso é pensar que uma melhor tecnologia produz efeito melhor e, para o produtor uma maior facilidade no trabalho. Sobre o desempenho dos lotes não são para todos os avicultores, porque as relações, como descrito anteriormente, não são transparentes.

por conta da atenção despedida em tempo integral, fica difícil a participação da família dentro da comunidade, nas festas, no dias religiosos e demais formas de sociabilidade. Principalmente nos ritos religiosos.

Então, é aonde que a gente não tem direito, nós só vamos num casamento, chegamos atrasado e os primeiros a sair (riso)<sup>156</sup> [...] na missa o padre tá na metade o enterro (na metade)<sup>157</sup> já estamos voltando. Ou vai um ou fica, tem que ser assim. Então, o dono do aviário, ele não tem esporte, ele não tem laser, ele não joga uma canastra com os amigos, ele não vai numa praia, ele não vai numa festa. Ele não vai no rodeio. [...] Tu perde todos os teus amigos, sério mesmo<sup>158</sup>.

Até aqui, desperta atenção uma característica citada durante todos os relatos, o uso de tecnologia. Essa é percebida pelos avicultores dentro das coordenadas discutidas anteriormente e, da mesma forma, parte do consenso com a empresa. Fazer investimento não é algo problemático, a complicação é não ter retorno e ficar amarrado a uma dívida. Em contrapartida, afirma-se que embora os avicultores mantenham estrutura e equipamento, a responsabilidade da manutenção e o dinheiro gasto não tem subsídios. O produtor arca com isso através do valor líquido recebido no final do lote, desse total é diminuído mais um pouco na manutenção da estrutura e demais gastos como energia e lenha para as fornalhas. Primeira questão, se tudo é mecanizado, aonde fica o papel do avicultor? Somente verificar as linhas de produção? Não parece ser resposta confiável.

Tu simplesmente vai verificar. Temperatura, luz, equipamento funcionando. Porque isso aí tu sabe, é tudo por sensor automático, pode ligar e desliga, trancar [...] coisa que vem na ração tranca equipamento. Para as linha, porque tem três linha de ração e quatro linha de água. Então, uma é individual da outra, se pifa, para uma, as vezes para duas, para três, então tem que estar sempre de olho e, cuidando né<sup>159</sup>.

Se a questão é como os produtores veem a atividade em que estão inseridos e como funciona a dinâmica do trabalho do desenrolar dos dias. Por conta da mecanização dos aviários, não é estranho que existisse uma modificação significativa na forma do trabalho. Portanto, a crítica é dirigida à "abstração" do trabalho, ou seja, de que o trabalho seja verificar o funcionamento dos equipamentos, cuidar dos insumos e animais da empresa, etc. Contudo, isso não é o

---

<sup>156</sup> Grifo nosso.

<sup>157</sup> Nosso grifo.

<sup>158</sup> Transcrição entrevista, Pedro.

<sup>159</sup> Transcrição entrevista, Luiz.

trabalho concreto realizado pelos avicultores. Porque, afinal, um menor trabalho não significa situações melhores. Ao contrário, se tornaram mais difíceis, além de manter os produtores diante da necessidade da constante adequação e em consequência, o endividamento. No caso da existência de um financiamento e o não pagamento, pode significar o penhor de bens e da propriedade para saldar a dívida<sup>160</sup>. Se a empresa não investe o seu capital social na criação de animais e insiste que os produtores arquem somente com 6%<sup>161</sup> dos investimentos, não seria justo que houvesse responsabilidade junto aos produtores, fornecendo garantias? E não praticando uma política agressiva de exclusão, ou seja, se não se ajusta às necessidades está fora. Nisto, pode-se afirmar o caráter seletivo que tem perpassado o sistema integrado.

Embora exista pressão por tecnificação e se o produtor não tiver os requisitos básicos não aloja, atualmente para um dos produtores, quando questionado sobre a necessidade de investimento, percebesse situação oposta:

O resultado não então (bons)<sup>162</sup>, a gente, às vezes deixa de fazer certas coisas aqui que seria importante porque não se tem resultado. Porque se eu to ganhando 50 centavos no frango, eu vou ter que alterar o meu aviário, gasta 100 mil reais. Aí eu entrego os próximo lote em vez de fazer 50 só capaz de fazer 40, capaz de diminuir ou perder. Então não, se tivesse o investimento teria que aumentar, só que isso nunca vai ocorrer. E essa é uma tática das empresas para as pessoas financiá em banco, pra ficá amarado. Daí tu fica devendo tu, te obriga. Aí o cara que não tem dívida, na hora que ele quiser (soco na mesa)<sup>163</sup> tá livre. Essa é uma jogada comercial deles<sup>164</sup>.

Seguindo o relato, José compara momento passado<sup>165</sup> e atual. O seu trabalho se mantém o mesmo, o que melhorou foi a qualidade da ração e dos animais entregues para o alojamento. Mas, afinal, dentro da lógica abordada o que define a qualidade, pode ser reduzido ao capricho ou a responsabilidade unicamente do produtor? E isso certamente não é para todos, considerando as táticas seletivas e o direcionamento que talvez exista virtualmente esboçando para o próximo ano da atividade. Logo, a interrogação é, como será o futuro? E este ficava sempre aberto nas entrevistas.

<sup>160</sup> Entrevista representante associação, Lúcia Cimolin.

<sup>161</sup> Um aviário médio hoje em dia chega a custar entre 300 a 500 mil reais.

<sup>162</sup> Grifo nosso. O resultado ruim refere-se à diminuição do valor pago por cabeça.

<sup>163</sup> Grifo nosso.

<sup>164</sup> Transcrição entrevista, José.

<sup>165</sup> O passado é a última crise.

Voltando à questão da tecnologia para o capitalismo, tem três significados. O primeiro é transformar os produtores em consumidores de produtos industriais e que tem sua validade, assim como a implantação da necessidade de novas aquisições. O segundo, diz respeito à adequação do ambiente para criação de animais e que exigem procedimentos próprios e normativas para reduzir os custos. O terceiro, são elementos advindos das normas de controle de sanidade e demais itens ligados à regulamentação da produção de produtos alimentícios produzidos para o mercado. No contato da relação, a lógica da tecnologia não é unicamente um fenômeno decretado pela empresa, e por esse motivo, uma racionalidade obtida diretamente por proximidade e incorporação da lógica capitalista presente e implantada pelo fator hegemônico, a empresa. O produtor sabe muito bem que não é vantajoso colocar novos equipamentos dentro da propriedade e sair pegando dinheiro através de empréstimos sem garantias. No entanto, a empresa tem larga decisão quando a isso, alojar ou não como vimos até aqui é parte de sua "maleta" de submissão.

Como salientado no início do primeiro capítulo, se o avicultor é sujeito e participativo, há resistência às regras impostas pela empresa. Maria Ignez Paulilo afirma que os produtores não são "dóceis" às práticas da empresa, nunca foram<sup>166</sup>. Então, quais seriam as outras formas de resistência? Lendo nas entrelinhas percebemos algumas. Entre elas mudar de empresa. O que ressalta o relacionamento peculiar com a empresa.

Com a Tramonto isso naquela época era a Tramonto, (Agrovêneto)<sup>167</sup>, foi no meu começo, foi a Agrovêneto, depois eu trabalhei um certo tempo, aí eu fiz um lote meio ruim. Daí o veterinário chegou ali e disse que eu não podia fazer lote daquele tipo que a empresa não aceitava. Estava abrindo essa Tramonto aí o cara que trabalhava lá era vizinho meu [...]. Aí ele convidô se queria ir [...] aí aceitei [...] aí de a carta de demissão e fui para o Morro Grande<sup>168</sup>.

Todavia, isso parece não ser mais possível, pois afinal, as três empresas da região fazem agora parte de um mesmo grupo. Ademais, como verificado na CIDASC de Nova Veneza, embora existisse a partir de 1997 uma unidade de abate no município, a instalação da unidade não representou a transferência dos

---

<sup>166</sup> PAULILO, op. cit.

<sup>167</sup> Comentário nosso.

<sup>168</sup> Transcrição entrevista, Marcos.

produtores de forma imediata, por isso, havia produtores ligados ao frigorífico de Forquilha quanto de Morro Grande. Isso através de dados obtidos em 2011 e comparando com a tabela de produtores de 2014.

Embora o jogo possa ser real e os produtores experimentam a relação na medida do possível, existem limites. Mudando novamente o foco. Se existe a prática de penalidade e bonificações, constitui-se na parte crítica que a empresa toca diretamente na renda do produtor. Sobre as penalidades e demais práticas ao longo dos anos.

Outra premiação que existe [...] o calo de pata que te falei, calo de pata do manejo. Acerto de peso também, hoje eles (verificam)<sup>169</sup>, o teu frango vai sair amanhã, qual o peso que vai dá, três quilo, chega lá dá três e cem, eles vão me desconta 2 centavos por cabeça até 87 grama de diferença para cima e pra baixo, eu ganho se der acima de 87, eles me desconta dois centavos por cabeça, (Pratica recente?)<sup>170</sup> Essa prática que começo correr mais recente, ela deve estar fazendo menos que ano [...] Agora, essa outra aí é bem antiga né. [...] Eles vão apertando isso pode crer. Hoje é assim. Isso já foi bem mais aberto, eles vão encolhendo, vão encolhendo, até que chega um ponto que...<sup>171</sup>

Novas práticas convivem com anteriores, do mesmo modo alguns produtores são punidos enquanto outros recebem bonificações. Descrevendo melhor as penalidades, pode-se identificar a premiação por calo de pata, ou seja, os pés do frango são comercializados nos mercados que apreciam o produto, no entanto, a presença de um calo nos pés seria para a empresa um custo a mais na hora do abate, precisaria remover manualmente com uma faca especial, resultando em um gasto maior em mão de obra. Para que isso não aconteça, o produtor tem que manter a cama aonde os animais são alojados seca e fofa. Isso demanda tempo, além de ser um serviço trabalhoso se realizado a pá, entretanto, a maioria dos avicultores entrevistados faz uso de um pequeno trator para movimentar a cama. Fica difícil sustentar que o trabalho ficou mais leve a partir do momento que surgem novas demandas, com ou sem investimento. Volta-se ao pressuposto confirmado até aqui, no geral a dinâmica do cotidiano dos trabalhadores nos dão elementos para afirmar o caráter assimétrico e a relação de poder estabelecida. Nesse sentido, o produtor é a parte mais fraca da corda, para usar uma expressão corrente no meio rural.

---

<sup>169</sup> Grifo nosso.

<sup>170</sup> Comentário nosso.

<sup>171</sup> Transcrição entrevista, José.



Penalidade distinta é a condenação por cabeça, ou seja, um frango que tem problemas e não pode ser comercializado é descartado e esse descarte é feito dentro da empresa. Contudo, o produtor também é bonificado ou recebe uma pontuação sobre a sua unidade, sobre a estrutura, se obtiver uma nota baixa, perde pontos e não somente isso, a prática é relativizada. A postura dos entrevistados diante disso, depende muito do relacionamento com a empresa, em outras palavras, a sua aceitação dessas normas, afinal existem racionalidades diferentes, condicionadas por momentos distintos. Entretanto, o caráter "individual" da relação deixa transparecer que a integração como prática é exclusiva e acaba criando uma modelo de competição. Porque busca estabelecer comportamento individual, assim como mantém uma relação atomizada, contudo, a subjetividade dos produtores é estruturada a partir desses signos técnicos. Sobre a condição da estrutura física:

Eles fazem tranquilamente, se exigir uma coisa, um exemplo, eles vão lá, o forro lá tem uns furinho, eles falam. Tu vai ter que troca esse forro. Se tu não troca, eles não aloja mais pinto, simplesmente ele te abandona. (Recente?)<sup>172</sup> Não é isso, já não é tão recente assim. Coisa que eles põem em prática pra impor, às vezes, até medo no criador né. (E a existência de financiamentos?)<sup>173</sup> É exigência, eles simplesmente olham, verificam e querem e está acabado<sup>174</sup>.

Ainda que as relações são duras, como demonstrado, sempre existem formas resistências. Voltamos novamente sobre o contrato, afirmou-se anteriormente que o mesmo é amarrado, porém a mobilização levada pela organização dos avicultores busca a alteração das cláusulas. Da mesma forma, o contrato existe e define abertamente que o produtor deve entregar o produto, a empresa e os "bens de produção", para usar um conceito marxista, são da empresa e, por isso, não devem ser desviados; as cláusulas foram fixadas como uma eventual segurança para garantir o não desvio dos insumos. Sobre o desvio da ração.

[...] a gente fica sabendo assim meio por fora que tem o fulano que tem as vaquinha, o fulano que tem os porcos i muitas gente que faz porque aquela ração vem barata, eu vou pegá e engordá meu porco, vou engorda meu boi. Aí o que acontece, essa ração não é pra engordar o porco, o boi, é para engordar o pintinho. Tu tirando essa ração daí. O teu lucro vai cair, nós trabalhemos só com avicultura, [...] se tu procura em redor de casa não tem um galinheiro, não tenho nada<sup>175</sup>.

---

<sup>172</sup> Comentário nosso.

<sup>173</sup> Comentário nosso.

<sup>174</sup> Transcrição entrevista, José.

<sup>175</sup> Transcrição entrevista, Maria.

Isso, de certa forma, modifica relação a do homem com seu ambiente mediado pelo trabalho, quando da presença da avicultura, todos os animais principalmente as aves são proibidos<sup>176</sup>. Na citação acima e durante todo o trabalho, fez-se uma simples pergunta, embora não obtivemos sucesso em respondê-la. Se os animais e os insumos são da empresa, porque quando um frango é morto, Pedro nos relata que teve prejuízo, ou quando perguntamos para Luiz se a ração era da empresa, ele nos afirma que a empresa emite uma nota, somente para declarar imposto. Ou chegasse ao "consenso" de que a ração e demais insumos têm seu custo dividido entre produtor e empresa e com um valor menor. Afinal, o produtor paga ou não pela ração? Se não paga, tem-se um outro quadro, a integração, como praticada atualmente, perdeu a base sobre a qual foi estruturada e praticada durante a metade final do século XX. Não sobre a policultura, mas sobre a finalidade da atividade dentro das práticas plurais.

Para finalizar, no que diz respeito à prática da atividade e o suporte para os produtores, sem uma atuação mais efetiva dos atores sociais, esses certamente ficarão cada vez mais presos, para utilizar as palavras dos avicultores. O estar preso a que os avicultores se referem, é estar preso a uma relação com a empresa, coordenada por exigências e ditos. Estar preso a uma dívida, ter um financiamento, não é algo anormal, mas um financiamento que não se possa saldar, sem um preço justo e fixado dentro da negociação coletiva da relação e que atenda ambas as partes, é grave problema social. Contudo, conclue-se que, como analisado, o sentido mais forte de "estar preso" é ser imobilizado dentro de sua atividade no desenrolar do cotidiano, dentro de uma dinâmica em que o trabalho é organizado a partir das exigências técnicas, da criação de animais. No desenrolar dos ciclos, dentro da sucessão de meses, ano após ano.

---

<sup>176</sup> Transcrição entrevista, Marcos.

## 7 CONCLUSÃO

Conclue-se que a questão principal: como a "integração" é experimentada no processo histórico, foi parcialmente respondida no diálogo com as fontes e na revisão bibliográfica. O passado no presente é reordenado a partir do que se vive, porém, a atividade como constatado, se transformou em muito nos últimos 30 anos. Assim, como há crise constantes e demais elementos na relação vive-se e conta-se sobre o que vive, nisto o passado que não cessa se mostra "vivo". A individualidade construída pelo sistema integrado, se mostra parte intrínseca à integração, a partir da modernização do campo e o caráter sobrevivente do sujeito que manteve-se como proprietário. Contudo, sair da individualidade para a coletividade se mostrou uma atitude importante para negar os nexos causais, estabelecidos na relação da integração vertical. Entretanto, o principal problema continua em como analisar de forma abrangente a experiência socioeconômica, sociopolítica e sociocultural dentro do modo de produção capitalista. Fez-se aqui um esboço a partir da leitura mais concreta da realidade, e da pesquisa, na parte das entrevistas e a análise da mesma.

Se a questão das escolhas e racionalidades intrínsecas ao direcionamento da ação dos integrados, o porquê integrar-se fica difícil de estabelecer no quadro abrangente de trajetória particulares das pessoas ligadas à atividade. Alguns são e foram agricultores, praticaram formas distintas de culturas, alguns estabeleceram-se na atividade após exercerem profissões distintas. Por isso, fica difícil compor um quadro geral sobre a atividade e os valores relativos oriundos das entrevistas, parte da subjetividade e da relação dos sujeitos com a forma de trabalho. Sobre a exploração da entrevista, como via de informação, todos os elementos são importantes e não unicamente a evidência, existe um paralelo importante entre o dito e o que não foi verbalmente comunicado. Por exemplo, conversando com as pessoas durante metade deste ano, nitidamente percebe-se um quadro diferente do encontrado na metade do ano passado. A hipótese que foi confirmada, foi a presença de uma associação que resiste e serve de apoio para as pessoas falarem sobre os problemas que convivem a tempo sem mais delongas. Inclusive, sobre a publicação dos nomes, preferimos utilizar pseudônimos, embora obtivemos autorização para a publicação na integra do texto.

O saber como uma experiência determinada socialmente é a própria experiência significativa do grupo em questão. Este senso comum, como elemento sentido e posto na coordenada da ação, evidentemente contrasta com o conhecimento acadêmico. O produtor sente-se ele mesmo nos pormenores, apto a esclarecer o funcionamento de sua atividade. A lógica por detrás da empresa, reconhece acima de tudo, a disparidade entre esses dois conhecimentos, os seus interesse em conflitos aos interesses da firma, todavia isso depende de uma consciência de classe. Percebe-se isso na situação que acompanha a fala dos entrevistados, a segurança substituindo o medo e na expectativa de melhores tempos. Considerando elementos como o horizonte de possibilidades para os avicultores que, como constatado nas entrevistas, está evidentemente envelhecendo.

Se o problema são as formas de trabalho e relações sociais, o quadro de entrevistas, embora restrito alcançaram o objetivo proposto à fonte, proporcionando um quadro consistente sobre o sistema integrado e seus atenuantes. A exigência de tecnologia, a imposição da empresa através de uma relação assimétrica de poder, a situação da relação e a condição do produtor em relação a esses elementos. Isso ocorreu na parte da análise do trabalho, durante o desenrolar dos dias e ciclos e, por isso, é a parte mais concreta da pesquisa.

Na relação dos trabalhadores com a forma do trabalho e desta para com a cultura do grupo, percebe-se a modificação acentuada da dinâmica das famílias em torno de uma atividade que exige tempo integral, embora o trabalho seja "menor" é mais dificultoso, cansativo e desgastante e não se recebe por essa dedicação a mais. Foi-nos revelado que, durante o inverno costuma-se dormir durante o dia quando é mais quente e o controle da temperatura pode ser alargado, permitido cochilos fragmentados. Em contraposto, a tecnologia não melhora a situação para os produtores porque são parte das exigências que buscam diminuição do custo de produção através do manejo e nisso a política da empresa se mostra incisiva. Também, embora exista uma facilitação do trabalho, esse significa investimento constante ou o cancelamento do contrato. Os "problemas" da propriedade são difíceis de serem mencionados sem considerar uma política de seletividade, como constatado dentro dos relatos.

O consenso afinal existe, mas da mesma forma o seu oposto, visões de mundo caminham juntas embora o consenso não seja passível, manifesta-se, por

esse motivo, a consciência coletiva que luta para existir. O conflito existe a todo tempo e, por isso é contínuo, nisso são explícitas as formas de resistência, mas da mesma forma, explicitam o controle. Sobre a condição do integrado, parece acertado que como informa Dalla Costa, estamos diante de uma forma de terceirização levando em conta o sistema integrado de produção congregando os vários setores, da fábrica de ração, a unidade de abate e, quando não interessante a empresa delega-se para terceiros de funções com a praticada pelos avicultores.

Se for o tempo presente como ferramenta analítica, algumas questões podem ter as possibilidades alargadas. Entre elas e os impactos sociais e ambientais da presença, a agroindústria. Aqui optou-se por um recorte social da história, entretanto poderiam ser alargados as propostas. Afinal, estamos diante um problema social, mas que também pode ser pensando a partir da proposta ecológica. A contrapelo da alienação do trabalho, o "frango" transforma-se em mercadoria para o capital. Nas entrevistas, isso fica evidente quando os avicultores tecem essa relação, demonstrando que a prática de um atividade industrial, modificam a relação dos sujeitos com seu meio "natural".

A partir dos trabalhos de Maria Ignez Paulilo conclue-se que, durante a década de 80, a integração representava uma posição privilegiada para os produtores integrados em relação a não integrados e essa fosse um elemento a mais na competição no "mercado". Hoje em dia, na avicultura, o quadro é um pouco mais amplo, existe reivindicação por melhores preços, mas também a contestação do contrato e busca-se por melhores condições de trabalho. Contudo, longe de mostrar somente o lado "fatalista", pensamos que como parte de uma dinâmica, a integração representa o ponto inadmissível da relação com a sociedade capitalista, a exploração do trabalho familiar pelo capital, entretanto, pode-se pensar no melhoramento da situação, na maior humanização e valorização do trabalho a partir da mobilização coletiva. Porque afinal, essa mudança somente pode acontecer dessa forma.

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO DOS AVICULTORES DO SUL DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Cronologia principais atividades 2013 e 2014**. Lauro Muller, Setembro de 2013.
- ASSOCIAÇÃO DOS AVICULTORES DO SUL DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Pauta de reivindicações elencadas em assembléia geral**. Urussanga, 22 de julho de 2013.
- ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PROMOVIDA PELA COMISSÃO DE AGRICULTURA E POLÍTICA RURAL DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA PARA DEBATER OS PROBLEMAS DA AVICULTURA NO ESTADO DE SANTA CATARINA. Nova Veneza, 26 de setembro de 2013.
- BOSETTI, Cleber José. **Perspectivas de desenvolvimento rural em disputa no Brasil**. 2013. 401 f. Tese (Sociologia Política), Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2013.
- CARDOSO, José Álvaro de Lima. **Reestruturação produtiva e mudanças no mundo do trabalho**: um olhar sobre os setores têxtil e alimentício em Santa Catarina. Tubarão: Cesus, 2004.
- DA SILVA, Roselaine Navarro Barrinhas. **Trabalho integrado e reprodução ampliada do capital**: um estudo de caso no sudoeste do Paraná. 2011. Tese (História Social), Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, 2011.
- DALLA COSTA, Armando João. **O grupo Sadia e a produção integrada**. O lugar do agricultor no complexo agroindustrial. 1993. Dissertação (História do Brasil), UFPR, Curitiba, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Agroindústria brasileira contemporânea**: inovações organizacionais e transformações na avicultura. 1997. 352 f. Tese (Doutorado em História Econômica) - Université de la Sorbonne Nouvelle Paris III, Paris, 1997.
- DE JESUS, Edivane. **O Sistema de Integração na Produção de Aves no Oeste Catarinense**: Análise sobre o processo de trabalho e a relação contratual entre a empresa Sadia e avicultores. 2010. 135 f. Dissertação (Serviço Social), Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2010.
- Diário de Notícias. Criciúma, 4 set. 2014. **Sul em Ação** 2, p.30-31.
- DOS SANTOS, Johanna Steiner. **Escolhas e vivências dos colonos no processo de modernização do campo**. Forquilha - Décadas de 60 e 70. 2004. 98 f. Dissertação (História), Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2004.
- DOS SANTOS, Silvio Coelho. **Índios e brancos no sul do Brasil**. Florianópolis, Lunardelli: 1973.
- GOULARTI FILHO, A. **Padrões de crescimento e diferenciação econômica em**

**Santa Catarina.** 2001. 391 f. Tese (História Econômica), Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, 2001.

HUNT, E. K. **História do pensamento econômico** uma perspectiva crítica. 7.ed Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1989.

IBGE, **Pesquisa Pecuária Municipal** - 1974-2012. Disponível em: <  
<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=73&z=p&o=26> > Acesso em: 10 set. 2014.

IBGE, **Censo Agrícola de 1960:** Paraná - Santa Catarina. Disponível em: <  
[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/44/ca\\_1960\\_v2\\_t12\\_p2\\_pr\\_sc.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/44/ca_1960_v2_t12_p2_pr_sc.pdf)  
f> Acesso em: 10 set. 2014.

IBGE, **Pesquisa Pecuária Municipal - 1974-2012.** Disponível em: <  
<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=73&z=p&o=26> > Acesso em: 10 set. 2014.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. **História, memória e tempo presente.** In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p.34.

PAULILO, Maria Ignez Silveira, DE GRANDI, Alessandra Bueno e SILVA, Marineide Maria. Mulher e atividade leiteira: a dupla face da exclusão. In: PAULILO, Maria Ignez Silveira e SCHMIDT, Wilson (orgs) **Agricultura e espaço rural em Santa Catarina.** Editora da UFSC: Florianópolis, 2003.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. **Produtor e agroindústria:** Consensos e Dissensos o caso de Santa Catarina. Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação e do esporte, 1990.

PAULILO, Maria Ignez Silveira; SCHMIDT, Wilson (org.). **Agricultura e espaço rural em Santa Catarina.** Florianópolis: Editora UFSC, 2003.

PERTILE, Noeli. **Formação do espaço agroindustrial em Santa Catarina:** o processo de produção de Carnes no Oeste catarinense.2008. 267 f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2008.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado de Coordenação Geral e Planejamento. **Programa integrado de desenvolvimento sócio-econômico:** diagnóstico municipal de Nova Veneza. Florianópolis: SEPLAN, 1990.

SCARABELLOT, Maristela. **Construção de cadeias agroalimentares curtas e papel dos atores em Nova Veneza, SC.** 2012. 201 f. Dissertação (Desenvolvimento Rural), Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRJ, Porto Alegre, 2012.

SCHMIDT, Vanice Dolores Bazzo. Agroindústria em Santa Catarina: da integração à inclusão social. In: PAULILO, Maria Ignez Silveira; SCHMIDT, Wilson (org.). **Agricultura e espaço rural em Santa Catarina.** Florianópolis: Editora UFSC, 2003.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v.3.

\_\_\_\_\_ **A Formação da Classe Operária Inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 1. 1987.

\_\_\_\_\_ **A miséria da teoria ou um planetário de erros:** uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_ **Costumes em comum:** estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 493 p.

THOMPSON, Paul; OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. **A voz do passado: história oral.** 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p.138.

WELCH, Clifford Andrew; (Orgs.).et al. **Camponeses Brasileiros.** Leituras e Interpretações Clássicas. São Paulo: UNESP. v. 1. 2009. p.335.